

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2010/2011

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O CASAL AGRÍCOLA DO BRONZE FINAL DE ABRUNHEIRO (OEIRAS)*

João Luís Cardoso¹

1 - INTRODUÇÃO

O casal agrícola do Bronze Final agora dado a conhecer foi identificado pelo Arq. Gustavo Marques, que, em 1990, nele realizou uma prolongada campanha de escavações, adiante caracterizada em pormenor. Contudo, os resultados obtidos jamais foram publicados, permanecendo inéditos até o presente. Em parte, esta realidade explica-se pela própria índole de G. Marques, que sempre encarou a prática arqueológica de uma maneira lúdica, mas realizada com todo o empenho, liberto de constrangimentos hierárquicos e à margem dos poderes estabelecidos, situação que lhe era permitida pelo seu relativo desafogo económico, não atribuindo à publicação dos resultados o objectivo final de qualquer intervenção arqueológica. Fez, assim, parte de um grupo de arqueólogos, com as mais diversas profissões liberais, que, no decurso da década de 1960 e parte da seguinte, integraram a Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, cujos principais intervenientes e actividades desenvolvidas neste domínio já foram caracterizadas (CARDOSO, 2005; CARDOSO, 2006/2007).

Em 2004, foi o signatário autorizado a estudar os espólios arqueológicos do concelho de Oeiras recolhidos por aquele malgrado arqueólogo, entretanto depositados no Museu Nacional de Arqueologia, integrando materiais arqueológicos de diversas cronologias e proveniências, reunidos, entre muitos outros conjuntos oriundos de estações intervencionadas por G. Marques, numa dependência daquele Museu. O trabalho decorreu nos dois anos seguintes, durante os quais foram desenhados, entre outros, os espólios agora publicados.

Verificando-se o elevado interesse científico que tal acervo detinha para o conhecimento da ocupação humana do concelho de Oeiras, importava garantir as condições susceptíveis de assegurar a sua conservação em instalações adequadas do município. Foi com tal objectivo, entre outros, que se celebrou a assinatura de protocolo com a Câmara Municipal de Oeiras, realizada no dia 9 de Dezembro de 2008, que viabilizou o depósito de longa duração, no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO/CMO), dos espólios arqueológicos em apreço. Desde logo, foi concebido espaço para a exposição permanente dos mais importantes daqueles exemplares, incluindo alguns do sítio agora estudado. Tal objectivo foi alcançado, com a inauguração da exposição permanente “Arqueologia do Concelho de Oeiras”, instalada na Casa do Salitre da Fábrica da Pólvora de Barcarena, e inaugurada a 16 de Junho de 2011. No respectivo catálogo inventariam-se e integram-se, do ponto de vista

* Os desenhos que ilustram o presente trabalho são da autoria de Filipe Martins e as fotos foram realizadas por Gustavo Marques ou por elementos da equipa por si dirigida, exceptuando-se as fotos das Figs. 29 e 34, do signatário.

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

económico-social e cultural os exemplares expostos, que, por esta via, foram assim dados pela primeira vez a conhecer (CARDOSO, 2011).

Tendo presente o interesse de tais materiais, valorizado pelo conhecimento das exactas condições da sua recolha, com base nos apontamentos deixados por G. Marques, considerou-se justificada a elaboração deste contributo, no qual se reproduz a totalidade dos exemplares com interesse tipológico conservados, líticos, cerâmicos e metálicos.

2 - LOCALIZAÇÃO. ASPECTOS GEOLÓGICOS E GEOMORFOLÓGICOS

Na Fig. 1 apresenta-se a localização da estação, implantada por G. Marques em base cartográfica à escala de 1/25000, a que correspondem as seguintes coordenadas: 38°42' 9.64" Lat. N; 9°18' 15.21" Long. W de Greenwich.

Do ponto de vista geológico, trata-se de terrenos basálticos do Complexo Vulcânico de Lisboa, de idade fini-cretácica, dando, por alteração, solos muito pesados, devido ao alto teor de argilas, de coloração castanho-avermelhada, de elevada produtividade, sendo especialmente propícios à cereali-cultura, neles praticada até à actualidade, não fosse o desenvolvimento urbano verificado na região. Com efeito, do sítio arqueológico e da antiga topografia envolvente, correspondendo a encosta de suave declive, voltada a poente, nada resta (Fig. 2 e 3). Por outro lado, o local é abundante de águas, conforme informou a G. Marques o anterior proprietário do terreno, o Sr. António Canas, morador nas proximidades, em Cacilhas, facto confirmado pela mina de água pombalina existente próximo e ainda hoje conservada.

Pouco tempo após a realização da intervenção arqueológica, o local, situado junto da estrada de Oeiras a Porto Salvo, objecto de rectificação e alargamento posteriores, foi ocupado por um posto abastecedor de combustíveis situ-

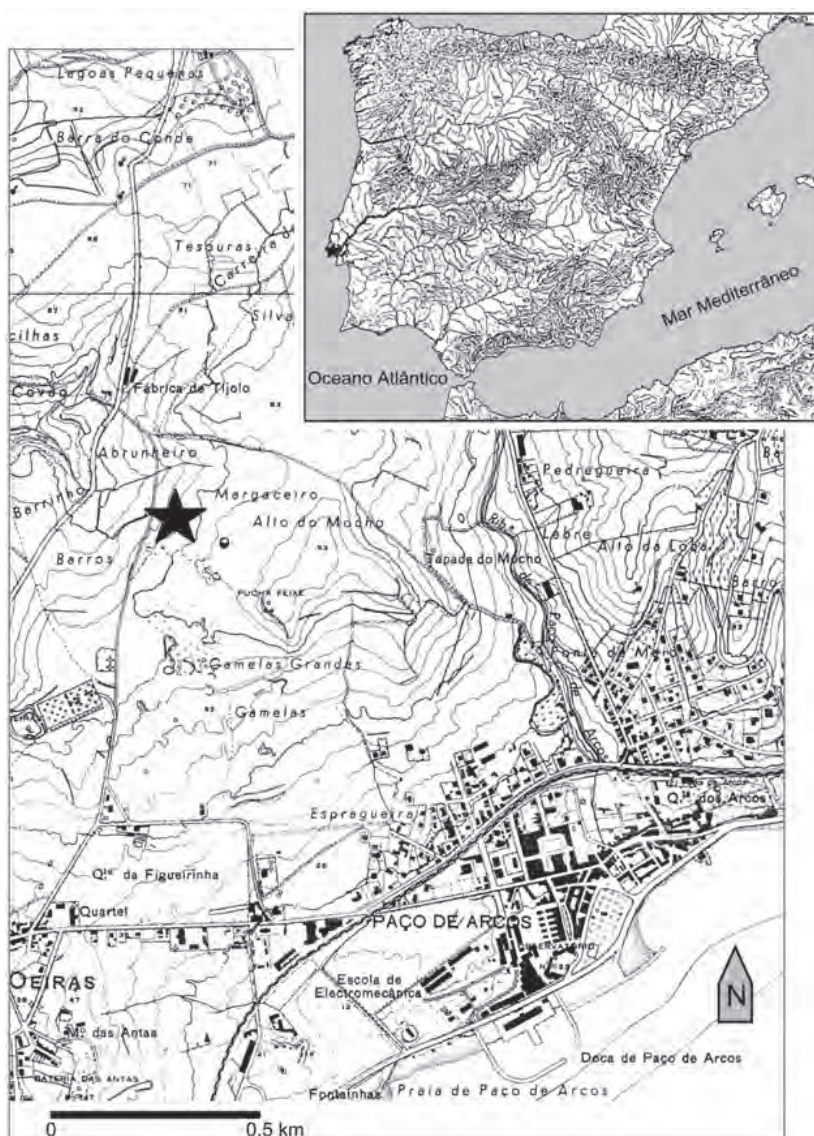


Fig. 1 – Abrunheiro. Localização na Península Ibérica e na carta geográfica regional.



Fig. 2 – Abrunheiro. Vista geral da encosta onde se implantava a estação, parcialmente ocupada na actualidade pelo Parque dos Poetas. O local da escavação encontra-se assinalado pelo amontoado das terras removidas, ao centro, à direita da mãe-de-água setecentista que actualmente ainda se conserva.



Fig. 3 – Abrunheiro. Vista geral dos trabalhos, na sua fase final. De pé, João Marques, filho de Gustavo Marques e seu colaborador nas escavações.

ado junto à berma daquela. Depois de este ter sido removido (o actualmente existente situa-se do outro lado da via), observaram-se novas e mais importantes alterações da topografia do terreno, em resultado da construção do Parque dos Poetas, acompanhada da edificação de grandes áreas de comércio e serviços e de novas vias de circulação que, num curto espaço de dez anos, alteraram completamente a morfologia da paisagem. Tal realidade torna ainda mais importante esta estação arqueológica, cuja memória é agora registada através da presente publicação.

3 – TRABALHOS REALIZADOS. RESULTADOS OBTIDOS

A intervenção de G. Marques realizou-se, como outras de que foi promotor ou responsável, à margem da legislação já então em vigor no que respeita à realização de trabalhos arqueológicos. Esta situação explica, também, a ausência de qualquer registo da mesma na base de dados do IGESPAR, não constando, sequer, o topónimo na listagem de sítios com interesse arqueológico. O desconhecimento oficial da estação, e a ausência de quaisquer informações sobre a mesma conservados na Câmara Municipal de Oeiras, conduz à conclusão de que se tratou de uma iniciativa pessoal, desenvolvida à margem das entidades públicas oficiais, incluindo o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Este facto conduziu a não ter sido incluída entre as estações inventariadas na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, publicada três anos após a realização das escavações (CARDOSO & CARDOSO, 1993). Com efeito, a única referência até agora conhecida da estação corresponde a simples lista, publicada em 1994 por G. Marques, dos objectos mais significativos ali recolhidos, que integraram exposição sobre a Idade do Ferro no centro e sul de Portugal, realizada no Museu Municipal da Figueira da Foz (MARQUES, 1994).

A ausência de documentação, foi, contudo, minorada pela existência, no Museu Nacional de Arqueologia, de um caderno de registos, elaborados por G. Marques, contendo a descrição diária circunstanciada da campanha de escavações que, em 1990 realizou na estação do Abrunheiro. Para cada um dos dias da campanha, que se desenvolveu entre 21 de Maio e 3 de Setembro, com deslocações quase diárias ao local dos trabalhos, a partir da sua casa em Lisboa, consta a hora de chegada e de partida, participantes, encontros e diálogos ocasionais e a descrição dos trabalhos efectuados. Em casa, ao fim da tarde e à noite, procedia diariamente à lavagem e marcação dos espólios recolhidos, e, nalguns casos, ao desenho esquemático dos considerados mais representativos, especialmente os elementos de foice denticulados de sílex, acompanhados de alguns esboços das áreas que progressivamente iam sendo abertas e das fotografias realizadas, remetendo por vezes para as informações dos seus diários, que não constam entre os documentos consultados. Estas tarefas foram acompanhadas, também diariamente, da inventariação dos espólios recolhidos segundo a sua natureza, cronologia e tipologia. Deste modo, foi possível, no final dos trabalhos, dispor-se de informação completa dos espólios recolhidos pela área escavada, segundo quadrícula com 1m de lado.

Infelizmente, não se acedeu a nenhuma planta exacta da área escavada, presumindo-se que a mesma jamais foi realizada. O único documento gráfico disponível no referido caderno de registos diários corresponde a um esboço executado em folha de papel milimétrico (Fig. 6), na qual constam os quatro quadrados – Q1 a Q4 – cada um deles subdivididos em nove quadrados elementares de 1 m de lado, cuja numeração foi possível reconstituir com base nas descrições apresentadas. Deste modo, o cômputo dos espólios recolhidos, nas diversas categorias consideradas, pelos quadrados elementares escavados, permitiu obter a distribuição espacial dos mesmos, evidenciando as áreas de maior densidade de materiais, tanto cerâmicos, como líticos.

Alguns espólios, referidos ao longo do registo diário das escavações, não integram o conjunto actualmente existente; estão também nesse caso alguns dos materiais seleccionados por G. Marques e que incorporaram a

exposição de 1994, acima aludida, dada a impossibilidade de, nalguns casos, pelas descrições genéricas deles apresentadas, os associar a quaisquer exemplares actualmente existentes. Assim, daquela listagem não constam, no conjunto actualmente conservado, entre outros, o fragmento de estuque (podendo este ser produção moderna); os dois fragmentos de osso trabalhado; a rodela de barro (parece corresponder a marca de jogo); o peso de tear; as contas de cerâmica; o fragmento de adobe cozido (podendo corresponder às porções de barro de revestimento de cabana mencionados recorrentemente no caderno diário das escavações, de que também não há registo); e a colher de cerâmica, a menos que esta corresponda a um fragmento de recipiente eventualmente atribuível a embarcação votiva, adiante caracterizado.

*** **

Os trabalhos iniciaram-se com a escavação de um quadrado com 1 m de lado, aprofundado por decapagens sucessivas, seguindo níveis artificiais (Fig. 4). A escavação deste primeiro quadrado – Trata-se do Q1q1 da única base cartográfica existente, reproduzida na Fig. 6 – prosseguiu depois, a partir do dia 28 de Maio, no quadrado adjacente, com as mesmas dimensões, onde surge a primeira informação sobre a estratigrafia da estação: “ Levantei a primeira camada superficial em toda a área do q2, até atingir a cerca de 30 cm a camada inferior que se acusa pela coloração cinza-escura, a presença de carvões, conchas, ossos e sílices (restos de fabrico) e dentes de foice.” (Fig. 5). Com efeito, a 30 de Maio, anotou que, por informação do já mencionado Sr. António Canas, “O terreno sempre foi lavrado com charrua de madeira e bois e nunca abaixo de 30 cm: muita pedra; ferros partidos”. Assim, torna-se verosímil a identificação àquela profundidade, do nível arqueológico bem preservado, embora possam existir contaminações de materiais oriundos da superfície, pois, como também observou, “as terras basálticas abrem brechas que chegam a mão travessa”, designadamente na altura da sua máxima dissecação, durante o Verão.



Fig. 4 – Abrunheiro. Início das escavações, com a abertura do Q1q1, com 1 m de lado (ver Fig. 6).



Fig. 5 – Abrunheiro. Foto obtida após a conclusão da escavação do Q1q2, adjacente ao Q1q1, anteriormente aberto (ver Fig. 6).

Nos dias seguintes, a escavação foi sendo progressivamente alargada, o que proporcionou a recolha de punção de bronze, de secção rectangular, a 1 de Junho (Fig. 30, n.º 7) e, a 4 de Junho de uma porção de pulseira (ou bracelete) de bronze, de secção lenticular, que não se encontra entre os espólios conservados; foi então verificado que “As cerâmicas colam, mas não completam vasos, o que prova que para ali foram lançadas depois de partidas em serviço”. Esta interpretação é condizente com a natureza da camada arqueológica, atribuível à acumulação de detritos resultantes da actividade doméstica, tal como foi verificado na estação do Bronze Final da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986). No entanto, os recipientes podem ter sido objecto de fenómenos pós-depositivos que tenham conduzido à sua fragmentação e ulterior remoção de algumas das suas partes, sem prejuízo de a camada arqueológica se apresentar bem conservada e pouco remexida. Esta realidade conduziu G. Marques a admitir, a 5 de Junho, que uma eventual estrutura habitacional se encontraria nas proximidades, pelo facto de a cerâmica e das conchas aparecerem com maior frequência, aquando da escavação do quinto quadrado, com a área, como os outros, de 1 m². Neste quadrado, a 7 de Junho, foi identificada a passagem do barro vermelho, de natureza basáltica, para um “barro granuloso esverdeado que continha carvões, conchas, ossículos”, aspecto que se manteve no sexto quadrado escavado. Como achados arqueológicos, é de destacar, “no chão do q5 (...) um grande fragmento do que parece ser uma colher tipo Alpiarça”. Este achado merecerá adiante observação mais detalhada, visto poder corresponder a fragmento eventualmente atribuível a embarcação votiva. A área ocupada pelo barro verde, interpretada como de pavimento continha em determinado local uma concentração de conchas e carvões, que mereceu recolha especial, efectuada a 9 de Junho, para análise.

A 11 de Junho, iniciou-se a escavação de novo quadrado, o Q1q7; o aprofundamento da escavação permitiu confirmar a estratigrafia já identificada e a existência do que foi atribuído a “pavimento do casal agrícola”, identificado a 25-35 cm de profundidade, que revelou fragmentos cerâmicos com colagem. Um esboço da escavação

até àquela data realizada, permite verificar que foi escavada até dia 12 de Junho a quase totalidade do Q1, com 9 metros quadrados, constituído pelos quadrados Q1q1 a Q1q9, permitindo deste modo situar os trabalhos no único esboço disponível do conjunto da escavação (Fig. 6). Tal como até então, os elementos denticulados de foice e os fragmentos de cerâmicas designadas de “tipo Alpiarça” contavam-se entre os materiais arqueológicos mais abundantes, embora alguns dos mencionados não constem entre os agora estudados: é o caso de uma asa de fita, recolhida a 13 de Junho, a par das numerosas conchas, formando agregado compacto, indício de despejos de refeições nas áreas adjacentes ao espaço habitado. Este encontrava-se denunciado por fragmentos de barro cozido (de cabana ?), em grandes fragmentos, recolhidos também naquele dia.

A preservação da Camada B, correspondente ao solo arqueológico, foi favorecida, segundo o escavador, pela existência de uma camada pedregosa que a cobria, aspecto que poderá relacionar-se com o desmoronamento do embasamento das paredes, de alvenaria de blocos basálticos, à semelhança do observado na cabana da Tapada da Ajuda (CARDOSO, 2004). A 14 de Junho, ao escavar o Q1q9 (Ver Fig. 6), refere que “Pelo adensamento de achados na Camada B parece que caminhamos para a parte central do montículo do “casal”. Esta acumulação de pedras sobre a Camada B poderá dever-se a duas causas principais:

- 1) ruína das paredes do “casal”;
- 2) acumulação sobre o local de pedras livres das terras, para agricultura.

As duas causas indicadas, podem somar-se”, no que tem absoluta razão.

A hipótese de o Q1q8 e o Q1q9 (ver Fig. 6) corresponderem à zona mais importante da área doméstica do antigo casal agrícola seria comprovada pela elevada quantidade de espólios arqueológicos ali recolhidos, adiante discutida.

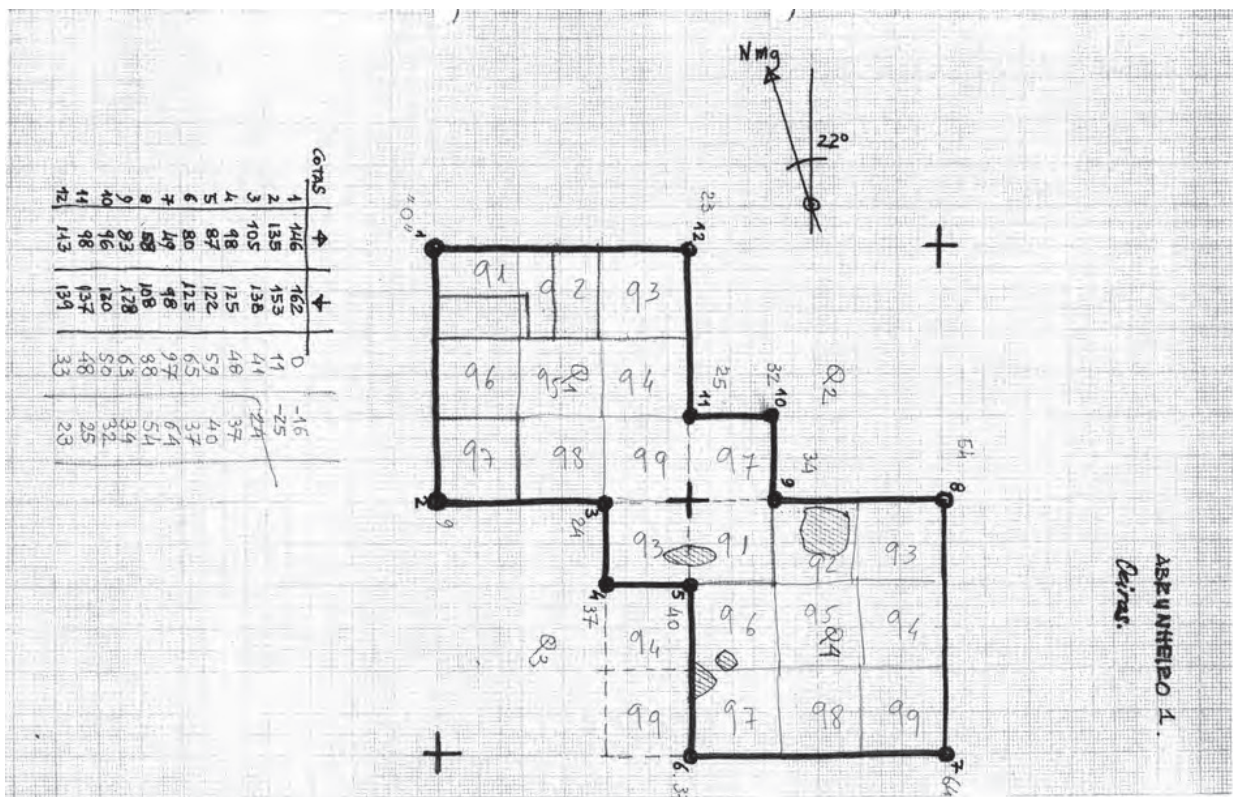


Fig. 6 – Abrunheiro. Esboço da planta da área escavada, da autoria de Gustavo Marques, com a indicação dos quadrados escavados.

Finda a escavação do Q1 com a conclusão da limpeza do Q1q9, a 15 de Junho, passou-se a 17 de Junho para o Q3, encetando-se a escavação pelo Q3q3 (Fig. 6), na convicção de que se estaria sobre o núcleo mais importante da estação, pelas razões acima apontadas. Depois de evacuada a camada pedregosa, recolheu-se cerâmica em grandes fragmentos, tendo a potência da Camada B aumentado, como se previa. A escavação contava então com diversos colaboradores eventuais (Celestino Castro, o seu filho João Marques, colegas da Câmara Municipal de Loures), mas, dadas as obrigações profissionais de G. Marques, como arqueólogo da Câmara Municipal de Loures, prosseguiria, a partir daquela data, sempre que possível, após a saída do trabalho e aos fins de semana. No Domingo, 24 de Junho, ao prosseguir a escavação do Q3q3, anota-se o seguinte: “A cerâmica a aparecer por debaixo das pequenas e grandes pedras que surgem entre 20 e 35 cm de profundidade. Retirei duas grandes pedras. O pavimento por baixo delas com cerâmicas e muitos carvões. Recolhi pela primeira vez, alguns, para datação. Atingi o pavimento em toda a área do q3”, tendo-se recolhido, como elemento mais expressivo, um fragmento de argola ou anzol de bronze (Fig. 30, n.º 3).

À conclusão da escavação do Q3q3, onde se recolheu um elemento de foice que, por estar associado a grandes núcleos e numerosas lascas em bruto foi considerado – e bem – como prova de manufactura local, seguiu-se, a 25 de Junho, a do Q4q1, contíguo àquele e correspondente, como se disse, à área considerada nuclear da estação. A estratigrafia ali conservada permitiu precisar as observações anteriores:

“Camada A – camada de superfície, revolvida por agricultura artesanal – 25 cm

Camada B – camada de pedras com materiais arqueológicos intercalados. Deve ser uma camada que se formou por depósito sucessivo de pedras e terras removidas – 20 cm

Camada C – camada e pavimentos arqueológicos.”

Reforça-se, assim, a provável origem da Camada B nos derrubes das paredes do casal agrícola, altura em que os mesmos se misturaram com materiais arqueológicos, sobre o piso primitivo da habitação, ou áreas conexas no exterior da mesma, representadas pela Camada C.

A 30 de Junho e 1 de Julho a escavação prosseguiu com a colaboração de L. Sá Couto, Hugo Alves e João Marques, tendo-se explorado o quadrado contíguo aos dois anteriores, o Q2q7 (Fig. 7), dando continuidade à investigação da área mais rica de espólios arqueológicos (Fig. 6). Para que aquela ficasse completamente explorada, importava, finda aquela escavação, passar à do Q4q1, iniciada e concluída a 2 de Julho, passando-se nesse mesmo dia para o quadrado contíguo, o Q4q2 (Fig. 8), que forneceu, a 7 de Julho, em estratigrafia, fragmento de pulseira de bronze de secção lenticular, não conservada entre o espólio estudado. O dito quadrado revelou a mesma camada arenosa de barro verde, que o escavador associou a material construtivo de cabana, mantendo-se rica, como anteriormente, em fragmentos de cerâmica, conchas (amêijoia, mexilhão, lapa, burrié e búzio), carvões e elementos de foice de sílex. A 13 de Julho, atingiu-se a camada C do Q4q2, com pouco material, e passou-se à escavação do Q4q6 (Fig. 6), que revelou a mesma sequência estratigráfica. Na Camada C, sob a camada pedregosa e de barro verde, a cerca de 45 cm de profundidade, recolheu-se, a 14 de Julho, “cerâmicas e inúmeros fragmentos de fabrico de instrumentos de sílex (vários elementos de foice), ossos, carvões. A cerâmica aumentou também”. Entre os materiais que se encontram esboçados, destaca-se, para além dos usuais elementos de foice denticulados, duas contas de barro perfuradas, estreitas e alongadas, de formato cilíndrico, que não se encontram entre o espólio estudado. No dia seguinte, com a colaboração de João Marques, concluiu-se a escavação deste quadrado (Fig. 9), passando-se depois para o Q4q2 (Fig. 6) e para o Q4q5, cuja escavação se iniciou a 17 de Julho e prosseguiu a 21 e 22 de Julho. Tal como anteriormente, a Camada C, atribuída a pavimento subjacente ao depósito de barro verde, continha muitos restos de talhe, fragmentos cerâmicos e ossos, alguns deles queimados.

A escavação prosseguiu a 26 e 28 de Julho com a exploração do Q4q4, que revelou, tal como os quadrados anteriores, a presença de um nível atribuível a pavimento (Camada C), que continha, igualmente, carvões, conchas,



Fig. 7 – Abrunheiro. Aspecto da exploração do Q2q7, evidenciando-se o nível arqueológico, posto a descoberto na área correspondente (ver Fig. 6).



Fig. 8 – Abrunheiro. Aspecto da exploração do Q4q2 (ver Fig. 6).



Fig. 9 – Abrunheiro. Aspecto da realização dos trabalhos arqueológicos; do lado esquerdo encontra-se G. Marques (foto de 4 de Agosto de 1990).

ossos, sílices e cerâmica, observando-se aqui a maior potência arqueológica da escavação, com 56 cm; no entanto, os materiais tornavam-se mais raros, indício que a escavação se estaria a afastar do núcleo da estação. A 29 de Julho concluiu-se aquele quadrado e passou-se ao Q4q3 (Fig. 6), terminado no dia seguinte, cuja Camada B era de tal forma dura que teve de ser removida a escopro, tarefa de que se encarregou L. Sá Couto. Ao mesmo tempo, iniciava-se a exploração do Q4q7, que revelou na camada de barro verde a presença de ossos, cerâmicas e conchas. De acordo com o corte esquemático apresentado, a camada basal, com carvões, ossos, cerâmica e muitos resíduos de talhe do sílex “Trata-se claramente de chão (interior de casa ou terreiro exterior)”. A estratigrafia descrita a 6 de Agosto, aquando da escavação da Camada C daquele quadrado apresentava-se como segue:

“Camada A – terra solta basáltica, com materiais remexidos das sucessivas lavras. Algumas pedras (0-15 cm); pedras de basalto (algumas grandes) com raros materiais. Camada de enchimento: depósito de pedras para a agricultura (15-30 cm);

Camada B – camada de barro verde com carvões incorporados, alguns sílices tendo no fundo grandes nódulos de barro cozido. Parecem restos de parede de taipa queimada. Praticamente sem cerâmica (30-40/45 cm);

Camada C – camada de pavimento, exterior ou interior de barro pisada com inúmeros sílices (restos de fabrico), ossos e rara cerâmica.”

A sucessão descrita afigura-se idêntica a outras anteriormente apresentadas, sendo por isso representativa da totalidade da área escavada. Merece destaque a atribuição a pavimento da Camada C, pela continuidade que a mesma evidencia em outros quadrados escavados.



Fig. 10 – Abrunheiro. Vista geral da área escavada, no final dos trabalhos.

Entretanto, a 4 de Agosto, tinha-se encetado a exploração do Q4q9, encontrando-se, no dia 10 de Agosto este e outros quadrados (Q4q7, Q4q8) em curso de escavação simultânea, com a colaboração de colegas de G. Marques da Câmara Municipal de Loures (Florabela Estêvão, José Nunes, Teresa Pombo), tendo sido então registados diversos aspectos da intervenção (Fig. 9).

A 11 e 12 de Agosto, a escavação prosseguia, com a ajuda de João Marques, no Q4q8, depois de se ter concluído a escavação do pavimento no Q4q7, esbatendo-se a importância da camada de barro verde, o que foi interpretado como “sinal de afastamento do centro da jazida”.

A 18 de Agosto, escavou-se o Q4q9, com a colaboração de José Nunes e de João Marques e, a 19 de Agosto, ultimaram-se os trabalhos de campo.

Entre 20 e 22 de Agosto, G. Marques realizou em casa a distribuição estatística dos cerca de 6500 restos recolhidos ao longo da intervenção no terreno, tendo presente as 36 categorias consideradas, e, de novo no terreno, a 26 de Agosto, efectuou o levantamento dos 12 pontos cotados que delimitam o perímetro da escavação (Fig. 3). Verificou-se então o interesse de proceder à escavação dos Q4q4 e Q3q9, por integrarem ainda a zona nuclear da estação. Tal objectivo foi concretizado entre 27 de Agosto e 3 de Setembro, por G. Marques, trabalhando sozinho. Desta sua última iniciativa na estação, resultou, a 27 de Agosto, a identificação, no primeiro daqueles quadrados, na Camada B, de “uma série de núcleos de sílex partidos para talhe e em “posição”; vários fragmentos menores e esquirolas de fabrico. Este núcleo de oficina de sílex liga-se a outro encontrado no Q1”, tendo sido possível até efectuar uma remontagem parcial, com base em dois fragmentos nucleares, o que reforça sem dúvida aquela conclusão. Já no Q3q9 – o último quadrado a ser escavado, merece destaque a recolha, na Camada C, a 3 de Setembro, de uma fíbula de cotovelo, de bronze, cortada intencionalmente no arco, cuja importância foi devidamente sublinhada pelo escavador ao registar em esboço de campo a sua localização (Fig. 11), a qual felizmente permanece conservada entre o espólio, de que é o exemplar mais importante.

*** **

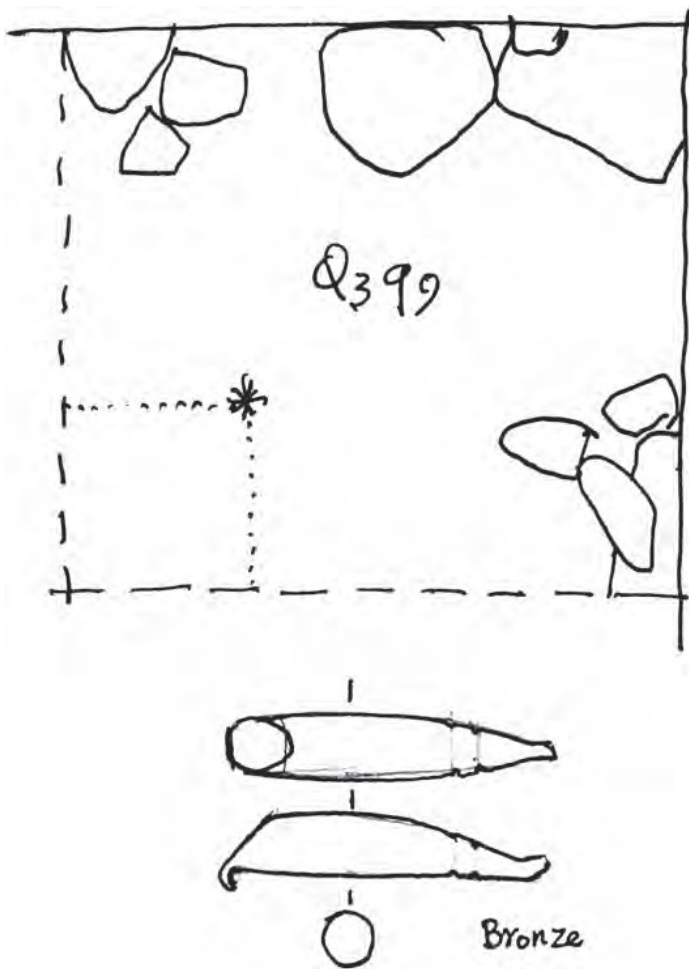


Fig. 11 – Abrunheiro. Esboço de campo relativo à localização da fibula, no final dos trabalhos (3 de Setembro de 1990) e respectivo desenho esquemático da mesma (caderno de campo de G. Marques).

a sua presença à camada de blocos basálticos, provavelmente resultante do derrube das paredes da provável habitação existente nas proximidades imediatas, ou, mais provavelmente, do seu embasamento, conforme sugere a sua mistura, por vezes em abundância, com materiais arqueológicos, que jazeriam ao nível do solo primitivo da habitação. Com efeito, a camada pedregosa aludida, assentava, invariavelmente, em camada compacta, aparentemente uniforme e com assinalável desenvolvimento em toda a área investigada; por isso foi atribuída por G. Marques a “piso de habitação”. Continha abundantes carvões, conchas e espólios arqueológicos, destacando-se dois núcleos de concentração de produtos de debitação de sílex, que configurariam sítios de talhe, no seio do espaço habitado, independentemente de aqueles pisos, segundo G. Marques, se poderem desenvolver no interior ou no exterior da habitação propriamente dita. Sem prejuízo desta interpretação, e na falta de um registo rigoroso da distribuição espacial de todos os materiais pela área escavada, é admissível considerar também a hipótese de aquela camada se ter formado à custa de despejos domésticos, acumulados em espaço adjacente à habitação aludida. Com efeito, a escavação parcial da estação da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 2004) é, a esse respeito, esclarecedora, pois a maior concentração de materiais arqueológicos, de mistura com despejos alimentares, foi identificada em espaço adjacente ao da implantação da habitação ali posta a descoberto, consti-

De entre as principais conclusões proporcionadas pela leitura do diário das escavações, destacam-se as seguintes: a escavação, no total de 23 m², interessou o que restava de um núcleo habitacional, de dimensões modestas, do Bronze Final. Infelizmente, apesar de se terem identificado despejos alimentares, sublinhados pela concentração de restos malacológicos de uma única espécie (caso da *Patella* sp.), não foi possível determinar a organização espacial do espaço habitado, por falta de informação: com efeito, faltam elementos estruturais, como alinhamentos de blocos, susceptíveis de indicarem o desenvolvimento do embasamento de paredes, como se observou, por exemplo, no sítio homólogo da Tapada da Ajuda (Lisboa), não tendo sido possível relacionar com aquelas e entre si os escassos blocos que pontuavam a área escavada, logo abaixo do solo remobilizado pela agricultura tradicional (lavoura com arado de madeira), que não atingiu profundidades superiores a 30 cm. Por outro lado, a presença do aludido “barro verde”, associado a essa camada pedregosa, de textura arenosa, poderá correlacionar-se com material intencionalmente transportado para o local, sendo utilizado como material de revestimento, que, por via de incêndio, cozeu e deu origem a blocos irregulares, e assim interpretados pelo escavador. Nestes termos, faz sentido associar

tuída, ao nível do seu embasamento, por muro de alvenaria de blocos basálticos, onde a quantidade de restos era muito inferior. Seja como for, no Abrunheiro da antiga habitação nada restou, devido à intensa remobilização de materiais que dela fariam parte, sendo crível que os grandes blocos encontrados aquando da escavação, e que o antigo proprietário do terreno, o Sr. António Canas, afirmava terem estado sempre ali, assinalados na Fig. 6, correspondam a restos do referido embasamento, cuja geometria não foi, pelas razões apontadas, possível definir.

4 – ESTUDO DOS MATERIAIS

Como se referiu, o conjunto actualmente existente não incorpora algumas das principais peças recolhidas por G. Marques e por ele mencionadas, tanto nos apontamentos diários da escavação, como na lista que publicou mais tarde (MARQUES, 1994). Seja como for, o espólio a que se teve acesso é numeroso e característico, merecendo análise detalhada.

Do conjunto, excluem-se, naturalmente, os objectos que, pela suas características ou natureza, não poderão pertencer ao conjunto arqueológico em apreço, apesar de nalguns casos, aparentarem estar *in situ*, com base nos registos de G. Marques. Estão neste caso, entre os objectos mais antigos, artefactos paleolíticos, algumas lâminas neolíticas/calcolíticas, exemplares de pedra polida e fragmentos de cerâmicas campaniformes incisas, e, entre os objectos mais modernos, além de vidros – atribuídos por G. Marques à Idade do Ferro e ao Período Romano – fragmentos de reboco (considerados pelo escavador coevos do casal agrícola do Bronze Final) e objectos de ferro (atribuídos pelo próprio, tanto àquela época como à Época Moderna).

A provável presença residual de produções cerâmicas da Idade do Ferro (designadas por “Santa Olaia”) não é de admirar, dada a proximidade da estação de Gamelas 3, escavada ao mesmo tempo desta, e da qual apenas se conhecem os espólios expostos na Exposição Permanente de Arqueologia do concelho de Oeiras, na Fabrica da Pólvora de Barcarena e publicados no respectivo catálogo (CARDOSO, 2011). O mesmo não se poderá dizer da existência, ainda que vestigial, de vidros, pois estes, em contextos do Bronze Final, como é o caso, não poderiam ocorrer. Note-se que G. Marques considerava esta estação integrada naquilo que designou “Cultura de Alpiarça”, por si atribuída erradamente à Idade do Ferro, razão pela qual, entre outras, caiu em desuso (MARQUES, 1972; MARQUES & ANDRADE, 1974). Porém, dada a atribuição cronológica-cultural por si considerada, não seria de estranhar que nela incluisse tais manufacturas, associadas a objectos de ferro. Destes, identificou diversos que foram integrados – ao contrário dos exemplares vítreos – na exposição sobre a Idade do Ferro realizada no Museu Municipal da Figueira da Foz (MARQUES, 1994). É o próprio a sublinhar a importância da sua descoberta no Abrunheiro, no registo diário dos trabalhos de campo. Assim, a 22 de Julho, ao escavar o Q4q5, identificou uma laje de calcário disposta *in situ* na horizontal, fracturada em cinco fragmentos pela pressão do terreno, sob a qual recolheu “um fragmento de ferro (o 1., bem selado). Trata-se do único exemplar nestas circunstâncias e, embora não o reproduza, dada a provável indefinição tipológica do mesmo, importa assinalar a sua presença. É provável que tal fragmento seja de facto da época da ocupação do casal agrícola, tendo presente a ocorrência de artefactos sidéricos em contextos do Bronze Final do território português, recentemente objecto de inventariação e discussão (VILAÇA, 2006), dos quais o mais próximo corresponde ao estabelecimento da Quinta do Marcelo (Almada). Deste modo, tendo presente as condições estratigráficas do achado, e apesar de este se não poder presentemente identificar entre os diversos exemplares de ferro recolhidos no Abrunheiro, por não ter sido reproduzido por G. Marques, não há razão para rejeitar mais esta ocorrência, que não se poderá confundir com objectos do mesmo metal e atribuídos por G. Marques a épocas mais recentes.

A presença de materiais de várias épocas na área escavada, desde os níveis superficiais aos mais profundos, pode ser explicada pelo fenómeno, já anteriormente assinalado, do desenvolvimento de profundas fendas nos solos

ABRUNHEIRO 1 (ocinas) - CÓDIGO P. INVENTÁRIO 99999

0

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
<p>GEO - Fósseis e rochas PALEO - Quartzo, Quartzito, outras PALEO - Sílex NEO/COBRE - Pedra polida, Sílex NEO/COBRE - Cerâmica FERRO STA. QUÁIA - Cerâmica, vidro ROMANO - Cerâmica, vidro MODERNO - Metal, cerâmica, outros ALIENÍGENA - Bronze " - Ferro " - Recolha de ferros " - Carvão " - Oito (trayis, carboniz, instr.) " - Concha - lapas " - Melilhões " - Buzios " - outras Pedra, queimadas - fogo Basalto - percutores Sílex - instrumentos Sílex - restos fabrico Sílex - " Sílex - " Sílex - Destes de foice Calcetro - lajetes / sílex Barro queimado (de banhos) Cerâmica lisa e rugosa " - " " - " " - " Cerâmica de corada Rodelas e pedras Cintas Rebisco</p>																																			
VÁRIOS																																			

Fig. 12 - Abrunheiro. Reprodução do caderno de campo de G. Marques das 34 categorias artefactuais por ele consideradas na distribuição espacial das peças do espólio.

basálticos, que, no Verão, podem atingir a largura de uma mão travessa. A penetração de materiais mais modernos em profundidade é assim facilitada, a par de outras causas, como a movimentação de terras para a agricultura.

É com tais reservas que se devem interpretar os resultados da distribuição dos achados pela área escavada com base nos dados elaborados por G. Marques no final dos trabalhos de campo a partir de 34 categorias artefactuais por si consideradas (Fig. 12).

Das categorias referidas, para identificar as zonas de maiores concentrações de materiais coevos da ocupação do casal agrícola, importa valorizar as seguintes:

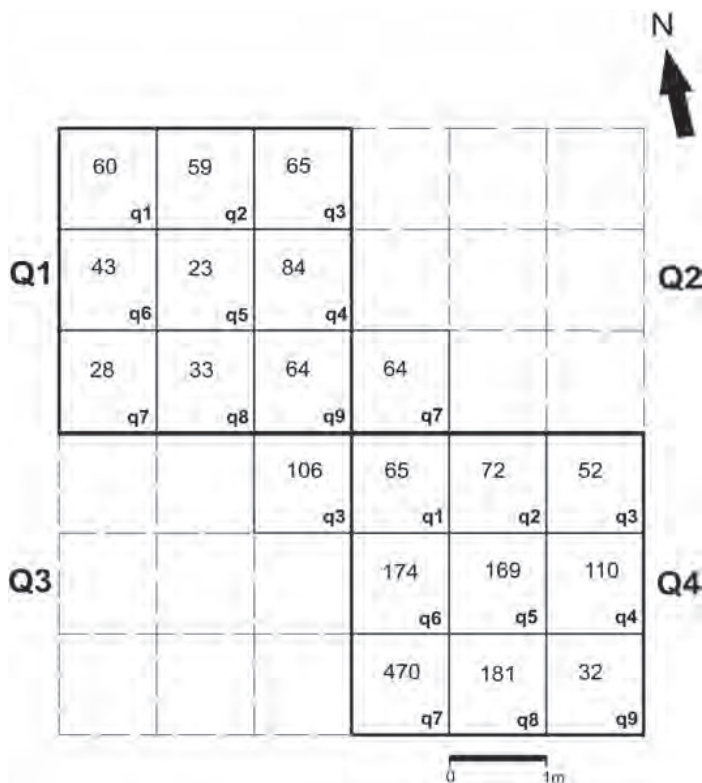


Fig. 13 - Abrunheiro. Distribuição espacial pela área escavada dos artefactos de sílex do Bronze Final (lascas e resíduos de talhe e elementos de foice sobre lasca), segundo os registos de G. Marques.

- sílex: restos de fabrico e elementos de foice -números 21 a 24;
- cerâmicas do Bronze Final (de tipo Alpiarça, segundo a terminologia de G. Marques) - números 27 a 29;
- carvões, ossos e conchas, e pedras queimadas pelo fogo - números 12 a 18.

Com base nos resultados obtidos da distribuição agregada daquelas três categorias, construíram-se as seguintes figuras: Fig. 13, com a distribuição dos artefactos de sílex; Fig. 14, com a distribuição das produções cerâmicas; e a Fig. 15, correspondente à distribuição dos ecofactos.

No respeitante à distribuição dos artefactos de sílex (incluindo apenas os produtos de debitagem e os elementos de foice recolhidos), observa-se uma concentração máxima no Q4q7, com 470 exemplares, logo seguida dos mais de 160 recolhidos nos quadrados adjacentes (Fig. 13). A concentração inusitada destes elementos em área claramente circunscrita é indício da existência de uma actividade especializada de talhe ali realizada, aliás já assinalada por G. Marques, o que não significa que corresponda à zona central da estação. Com efeito, esta conclusão é confirmada pela distribuição das produções cerâmicas (Fig. 14), que exibem distribuição mais homogénea, com evidente rarefacção nos quadrados periféricos da área escavada. Tal realidade parece corroborar a suposição de G. Marques sobre a correspondência da zona central da estação à zona central da escavação, pelo menos no que diz respeito à distribuição dos artefactos cerâmicos. No entanto, na ausência de estruturas construtivas, importa ser prudente no respeitante a tal conclusão, tendo presentes as observações realizadas na estação do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa), onde, no interior da área correspondente à cabana ali identificada escasseava o espólio, o qual se acumulava do lado meridional e no exterior imediato da mesma (CARDOSO *et al.*, 1986). Assim, é lícito admitir que a zona de maior concentração de fragmentos cerâmicos corresponda aos despejos domésticos produzidos pelo menos numa unidade habitacional situada fora da área escavada.

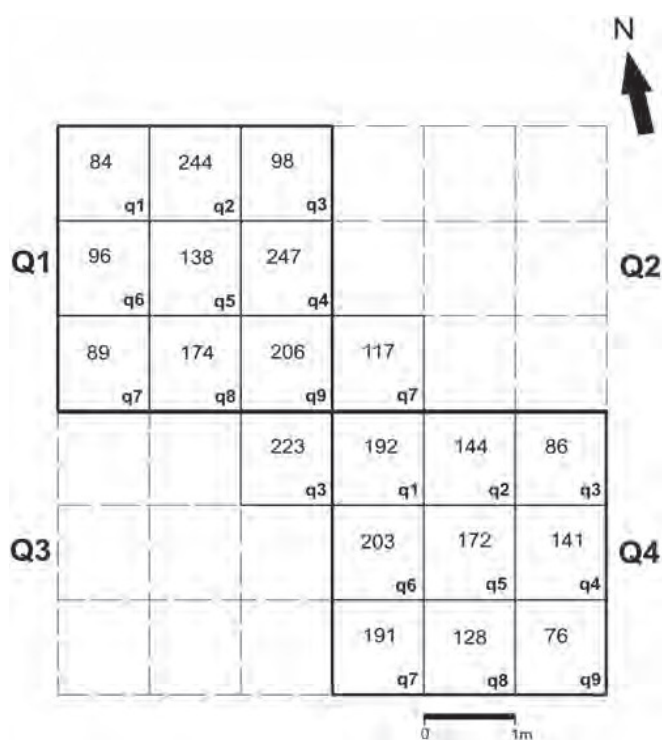


Fig. 14 - Abruñeiro. Distribuição espacial pela área escavada dos fragmentos cerâmicos do Bronze Final), segundo os registos de G. Marques.

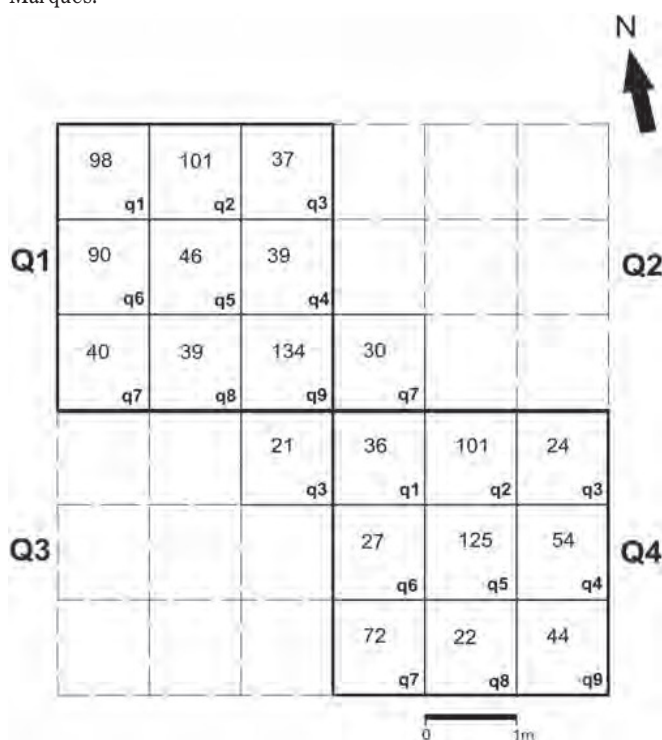


Fig. 15 - Abruñeiro. Distribuição pela área escavada dos ecofactos (carvões, ossos, conchas e pedras queimadas pelo fogo), segundo os registos de G. Marques.

No respeitante à distribuição de ecofactos (carvões, conchas, ossos e termoclastos), os resultados são semelhantes aos correspondentes à distribuição do espólio cerâmico (Fig. 15), embora se observe uma distribuição mais homogénea dos achados, o que poderá ter explicação numa maior dispersão de tais materiais, dado o seu pequeno tamanho e peso pela zona de despejos domésticos. Em suma, a distribuição das três principais categorias artefactuais consideradas permitiu supor a existência de uma área reservada à actividade do talhe do sílex, feita em espaço aberto, enquanto em local adjacente se concentraram os despejos das actividades domésticas, relacionadas com uma ou várias estruturas habitacionais de que não se encontraram vestígios evidentes.

Os espólios arqueológicos líticos e cerâmicos serão a seguir caracterizados segundo as categorias identificadas, a que acrescem os materiais de maior raridade, que justificam análise específica, como os artefactos de pedra afeiçãoada, e os artefactos metálicos actualmente conservados na colecção.

4.1 – *Indústrias de sílex*

As indústrias líticas de sílex coevas do casal agrícola do Bronze Final encontram-se representadas – por elementos de foice denticulados, sobre lascas de sílex, além de núcleos e produtos de debitage, também contabilizados. Os 216 elementos de foice desenhados (Fig. 16 a 21) correspondem apenas a uma parte do conjunto constituído por tais exemplares. A sua abundância é expressiva da importância da actividade agrícola ao tempo desenvolvida nos férteis terrenos basálticos onde o próprio casal agrícola se implanta, de alta aptidão para a prática da cerealicultura, especialmente de trigo, como se verificou na região até meados do século XX. Confirmando a prática do talhe local, verifica-se que a totalidade das variedades de sílex utilizadas são as que se conhecem, sob a forma de nódulos, nos calcários cretácicos da região. Esta conclusão encontra-se sublinhada pelas recolhas de núcleos no decurso da escavação e, sobretudo, pela identificação de duas zonas onde os produtos de debitage se concentravam, indício da prática daquela actividade no seio do espaço doméstico, tendo-se mesmo identificado dois fragmentos que permitiram remontagem, conforme anteriormente se referiu.

Trata-se de lascas pouco formatadas, de tendência sub-rectangular a sub-quadrangular, aproveitando frequentemente os suportes originais, quase sem transformação, incluindo pequenas lascas residuais, embora noutros casos se evidencie assinalável trabalho de regularização, ao longo dos dois bordos laterais, e na base, através de talhe semi-abrupto. Excepcionalmente, apresentam-se de contorno sub-triangular, com uma das extremidades apontada intencionalmente (Fig. 21, n.º 5), podendo corresponder aos exemplares extremos do fio da foice original.

Identificaram-se exemplares volumosos, cuja preparação ficou incompleta (Fig. 16, n.º 6), que reforça o que se disse acima a propósito da preparação local destes artefactos.

O que caracteriza tais exemplares é a presença de um bordo fortemente denticulado, por vezes desgastado e brilhante, indício da intensa utilização. Os entalhes foram obtidos pela percussão apoiada indirecta de um punção metálico sobre o bordo que se pretendia denticular, actuado perpendicularmente ao plano da lasca. Esta técnica, claramente observada em muitos dos exemplares desta colecção, fora já identificada pelo signatário nos exemplares recolhidos na estação da Tapada da Ajuda, cuja parte mais profunda do entalhe reproduzia o contorno semi-circular da ponta utilizada (CARDOSO *et al.*, 1980/1981, Est. IV).

Apesar de os materiais serem abundantes, ainda se não fez um estudo tecnológico da cadeia operatória que conduziu, a partir das massas nucleares originais, à obtenção final destes elementos denticulados, podendo para tanto recorrer-se ao conjunto reunido da Tapada da Ajuda, o qual se pretende realizar oportunamente.

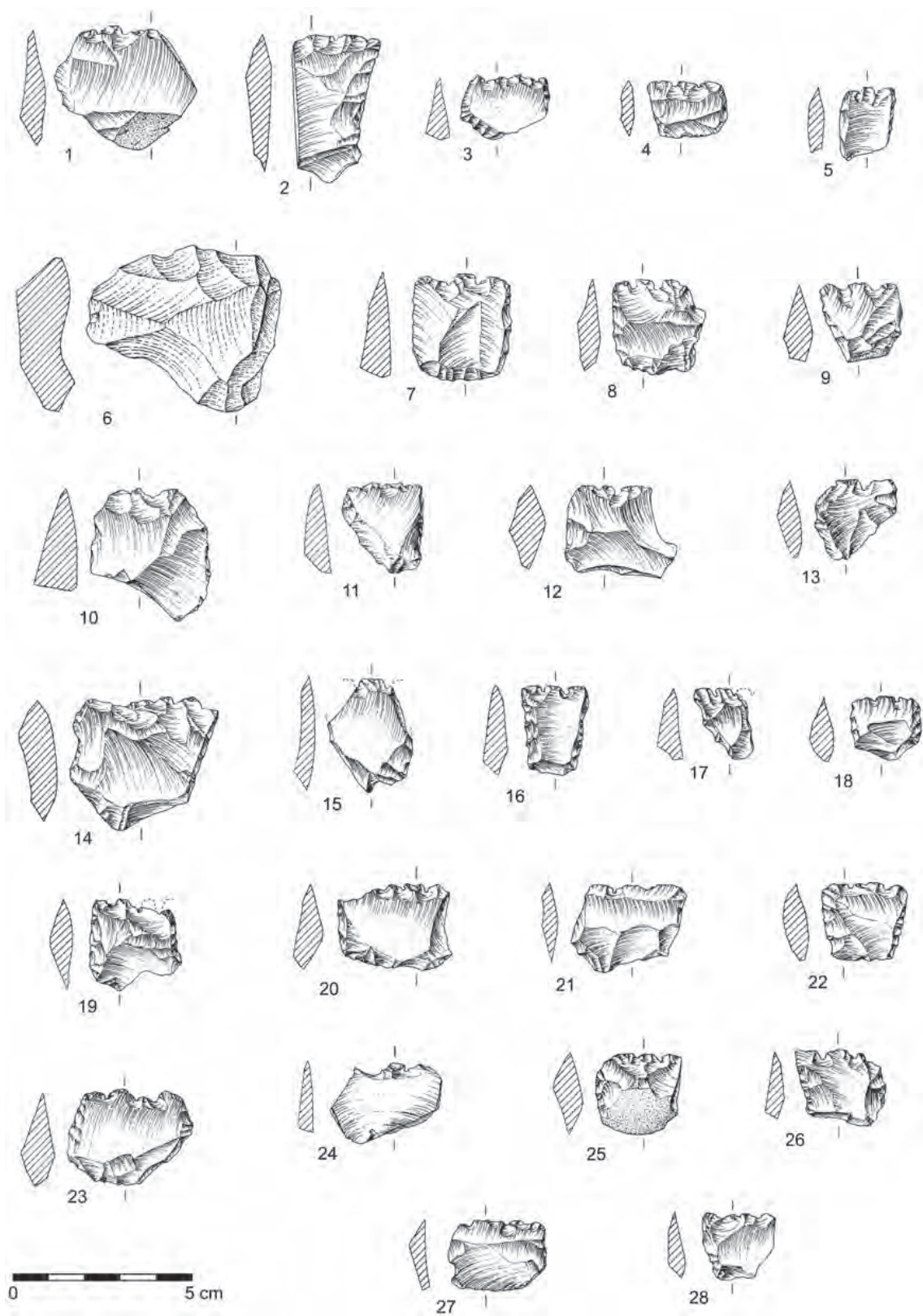


Fig. 16 - Abrunheiro. Elementos de foice serrilhados sobre lascas de sílex.

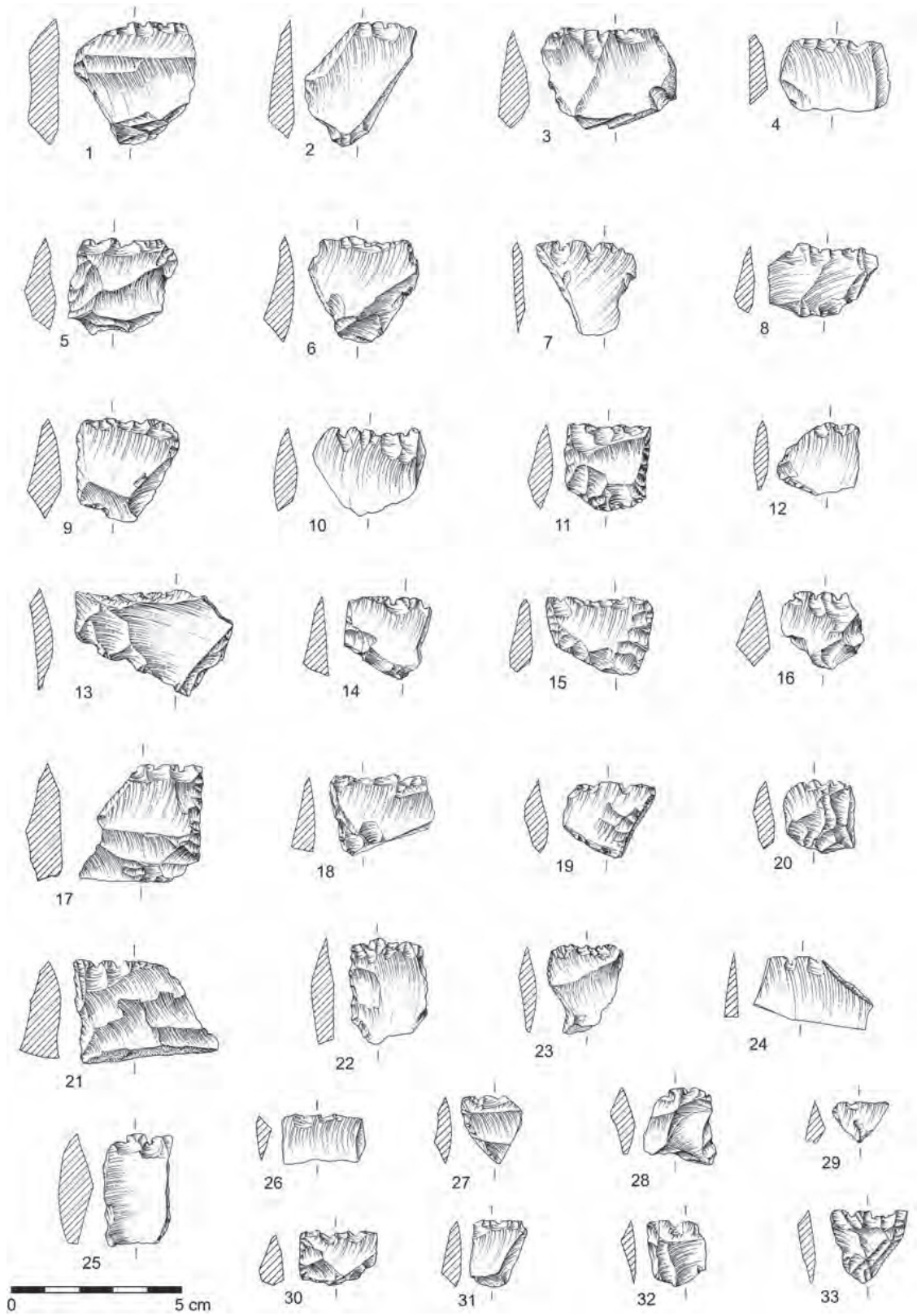


Fig. 17 - Abrunheiro. Elementos de foice serrilhados sobre lascas de sílex.

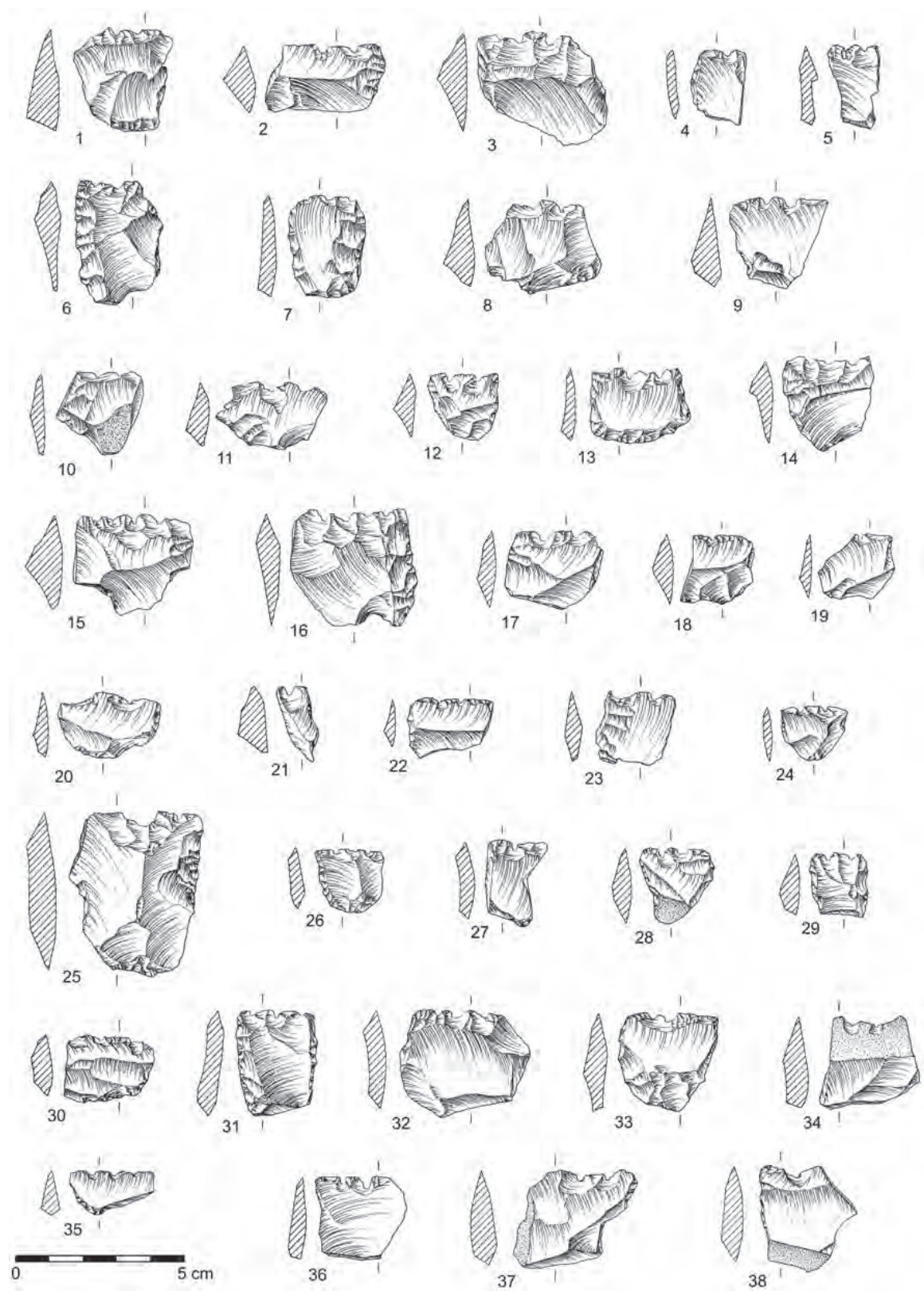


Fig. 18 - Abrunheiro. Elementos de foice serrilhados sobre lascas de sílex.

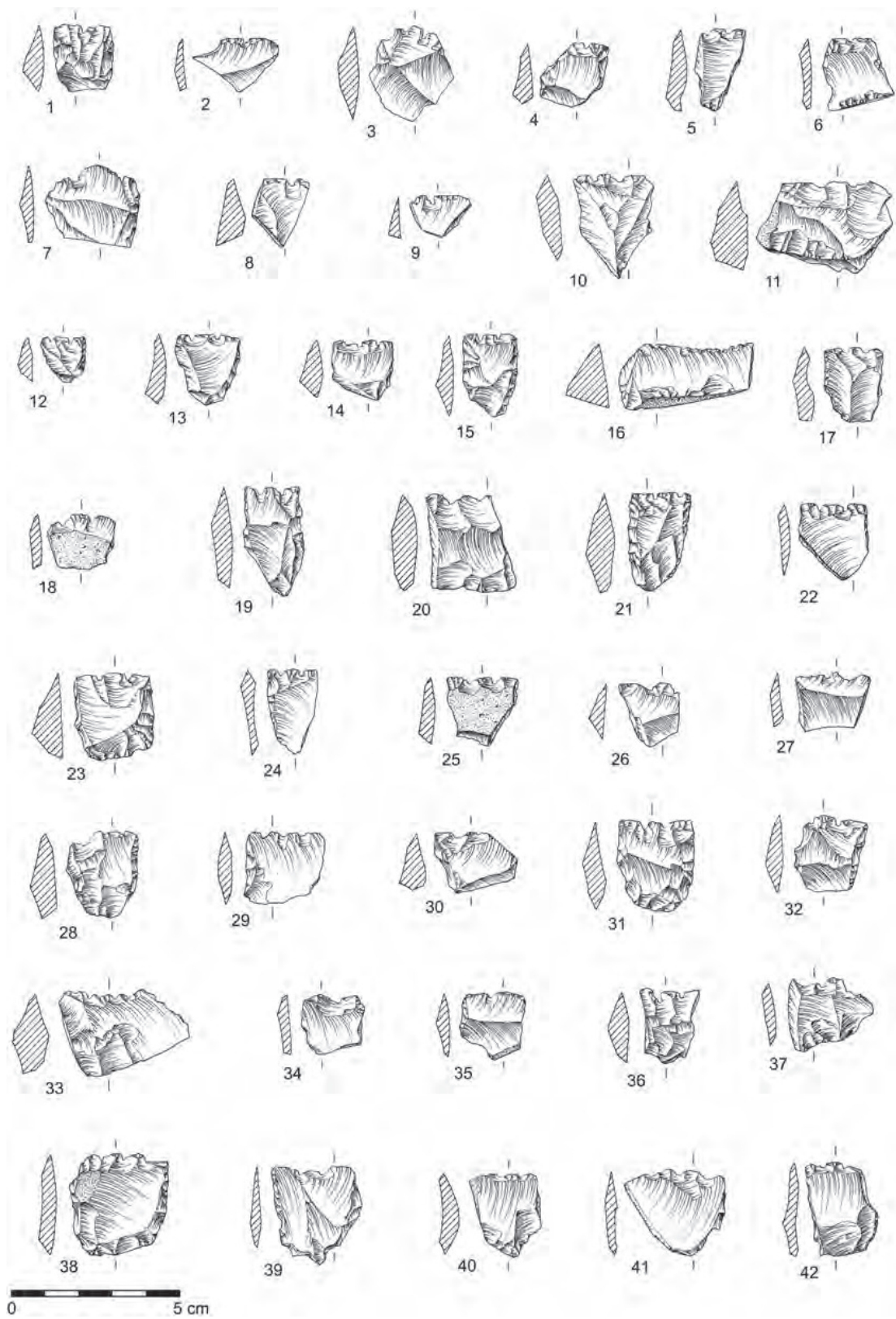


Fig. 19 – Abrunheiro. Elementos de foice serrilhados sobre lascas de sílex.

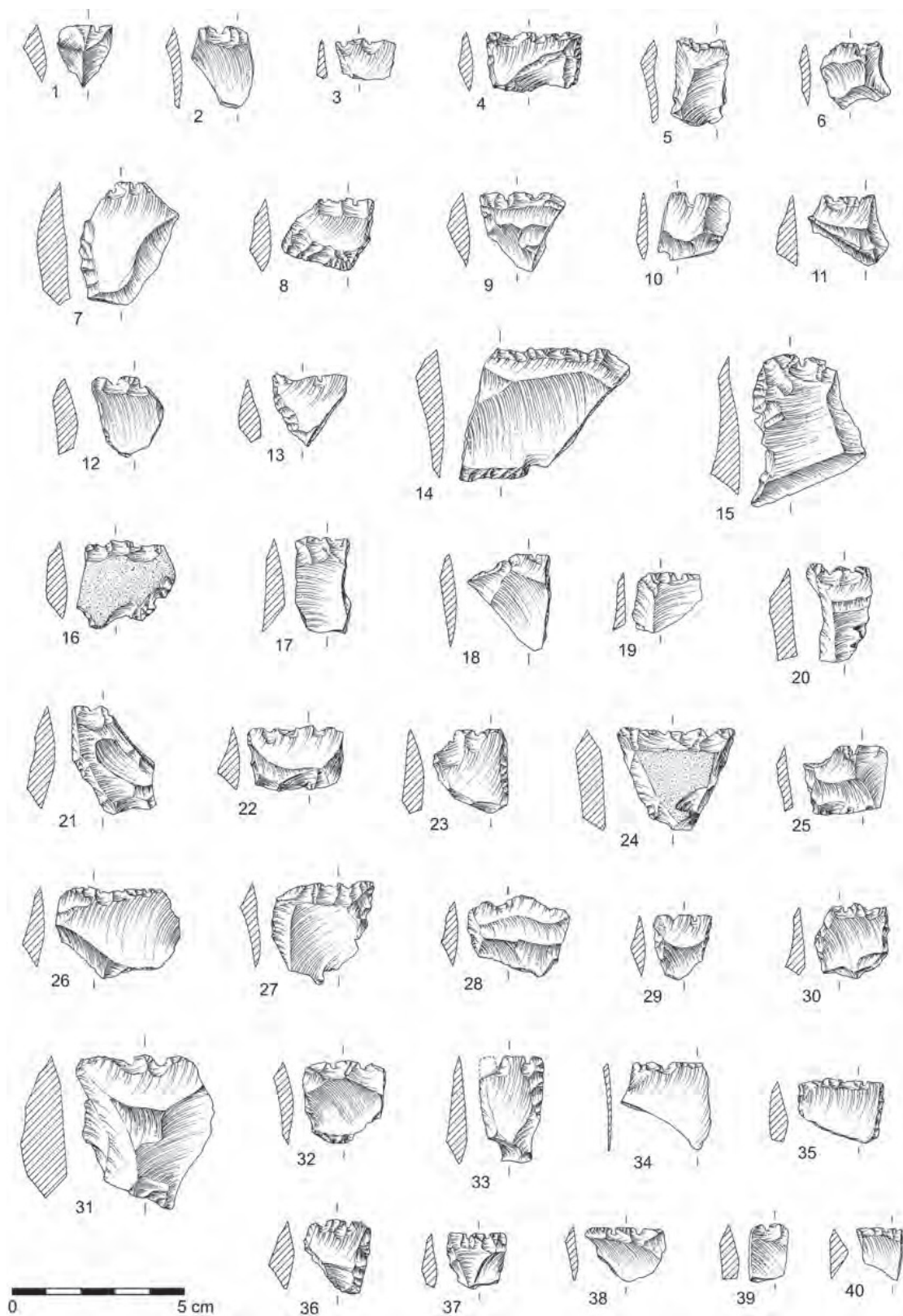


Fig. 20 – Abrunheiro. Elementos de foice serrilhados sobre lascas de sílex.

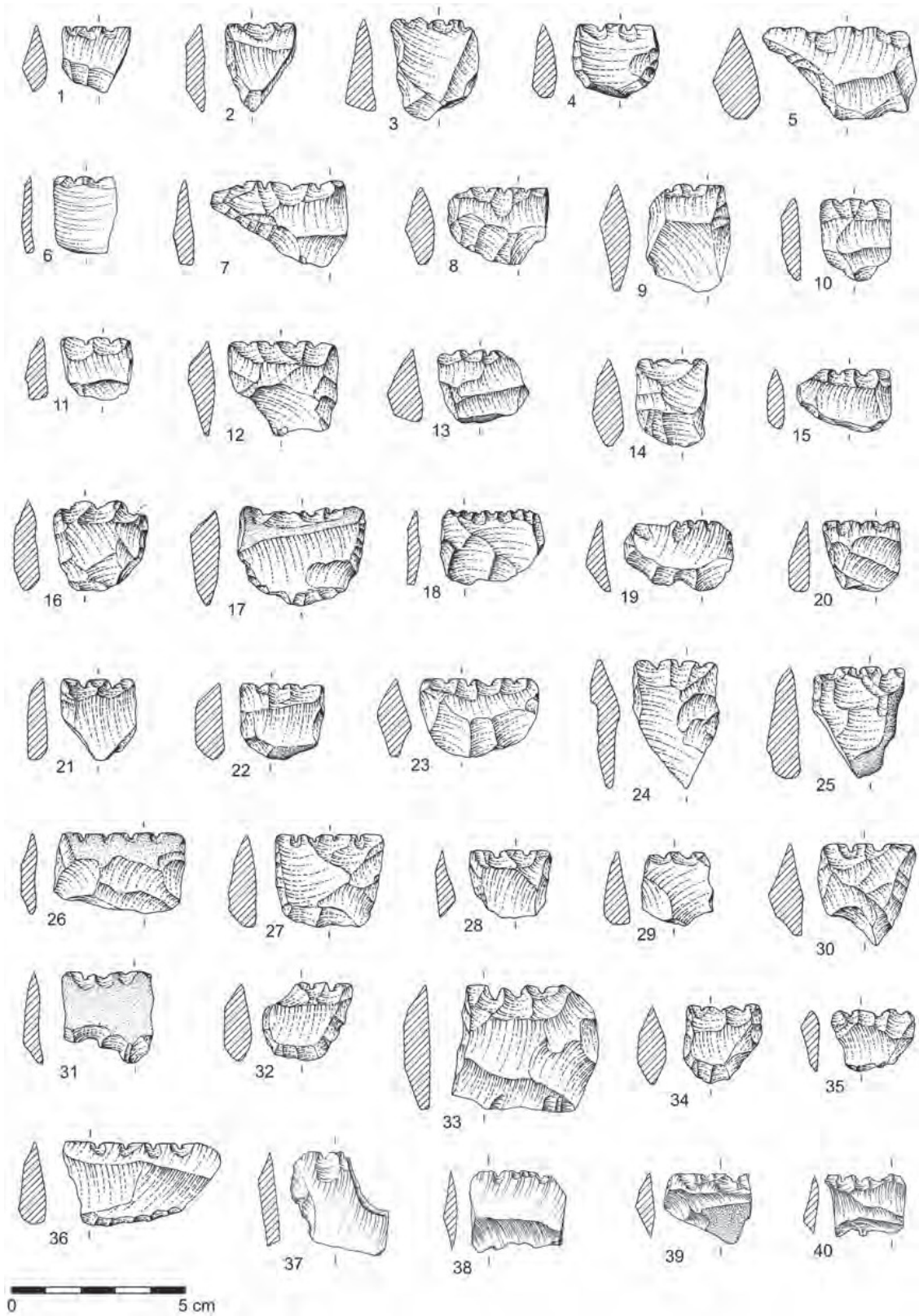


Fig. 21 - Abrunheiro. Elementos de foice serrilhados sobre lascas de sílex.

4.2 – Pedra afeiçãoada

Conserva-se um único exemplar desta categoria atribuível ao Bronze Final: trata-se de peça de arenito esbranquiçado, de grão muito fino, não compulsado por G. Marques no seu quadro geral de inventário (Fig. 30, n.º 1). O maior desgaste localizado, por polimento, de um sector da periferia do exemplar, denuncia a sua utilização como brunidor, ou alisador, das superfícies dos recipientes cerâmicos, com um equivalente próximo na estação coeva da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986, Fig. 6, n.º 1), especialmente dos recipientes mais finos, que ostentam cuidado acabamento. Este exemplar vem, assim, suportar a ideia de pelo menos uma parte das produções cerâmicas serem de fabrico local, o que é corroborado pelas características das respectivas pastas.

4.3 – Produções cerâmicas

A par dos artefactos denticulados, as produções cerâmicas constituem o elemento decisivo para situar a estação em apreço no Bronze Final. A sua tipologia inscreve-se totalmente no quadro definido no conjunto da Tapada da Ajuda (Lisboa) (CARDOSO & SILVA, 2004). E, tal como o verificado naquela importante estação, a produção dos recipientes foi assegurada localmente, conforme mostram os abundantes elementos não plásticos de minerais ferromagnesianos resultantes da utilização de argilas basálticas, formadas pela alteração de rochas do Complexo Vulcânico de Lisboa, a que se juntaram grãos de quartzo, de feldspato e de micas, de outras origens.

Nas Figs. 22 a 28 apresenta-se a totalidade dos fragmentos com interesse tipológico para a identificação das formas representadas na estação. Assim, no grupo das formas carenadas, estão presentes as taças, de variadas dimensões, desde os pequenos exemplares, de carena média a alta, existindo alguns exemplares de maiores dimensões formados por diversos fragmentos com colagem, que G. Marques referenciou no decurso da escavação (Fig. 22, n.º 23). Dentro do grupo dos carenados, reconheceram-se, mais raramente, alguns recipientes fechados, correspondendo a pequenos exemplares com colo, como o da Fig. 27, n.º 11.

Os grandes recipientes fechados, destinados ao armazenamento (vulgo “vasos de provisões”), possuem fundos planos (Fig. 28) e bojós romboidais, com a sua parte superior formando pequeno colo, com o bordo mais ou menos virado para o exterior, conhecendo-se também exemplares de menores dimensões com a parede direita ou inclinada para o interior, de formato toneliforme. É aos exemplares de tamanho maior que devem ser reportados os elementos de preensão em forma de pegas horizontais maciças alongadas, aplicadas no bojo ou, mais raramente, junto ao bordo (Fig. 24, n.º 17). Noutros casos, tais elementos ostentam perfurações verticais, destinadas provavelmente à suspensão (Fig. 26, n.º 20); aliás, aquela prática observa-se também em exemplares de menores dimensões, perfurados na zona da carena (Fig. 27, n.º 24), possuindo esta nalguns casos uma protuberância destinada a conferir maior robustez à suspensão (Fig. 27, n.º 20).

Destaca-se ainda a presença de potes baixos, de parede sinuosa suave (Fig. 23, n.º 5; Fig. 27, n.º 17, 22 e 23), e, ainda a existência residual de formas herdadas do Bronze Pleno e de épocas anteriores, como é o caso das taças em calote de bordo simples (Fig. 23, n.º 10) e, excepcionalmente, dos esféricos (Fig. 23, n.º 7).

A análise morfo-dimensional detalhada e quantificada das produções cerâmicas recolhidas no Abrunheiro recorreu aos elementos tipológicos identificados na estação da Tapada da Ajuda (Lisboa). Assim, verifica-se que as taças carenadas se podem subdividir em três categorias, com base na posição da carena e, no que respeita às dimensões, em quatro categorias, com base nos respectivos diâmetros da abertura, conforme se encontra expresso no QUADRO 1:

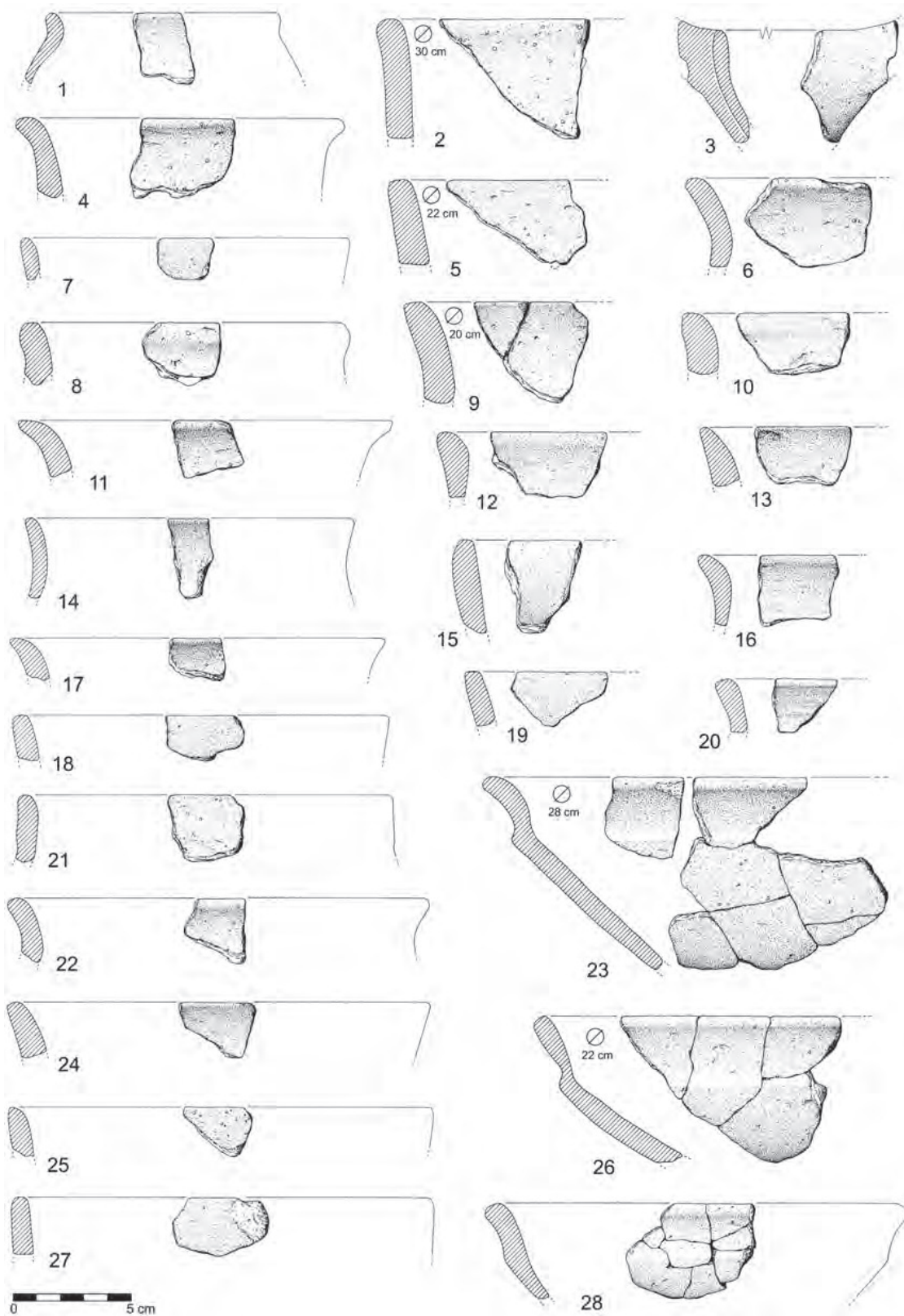


Fig. 22 - Abrunheiro. Cerâmicas do Bronze Final.

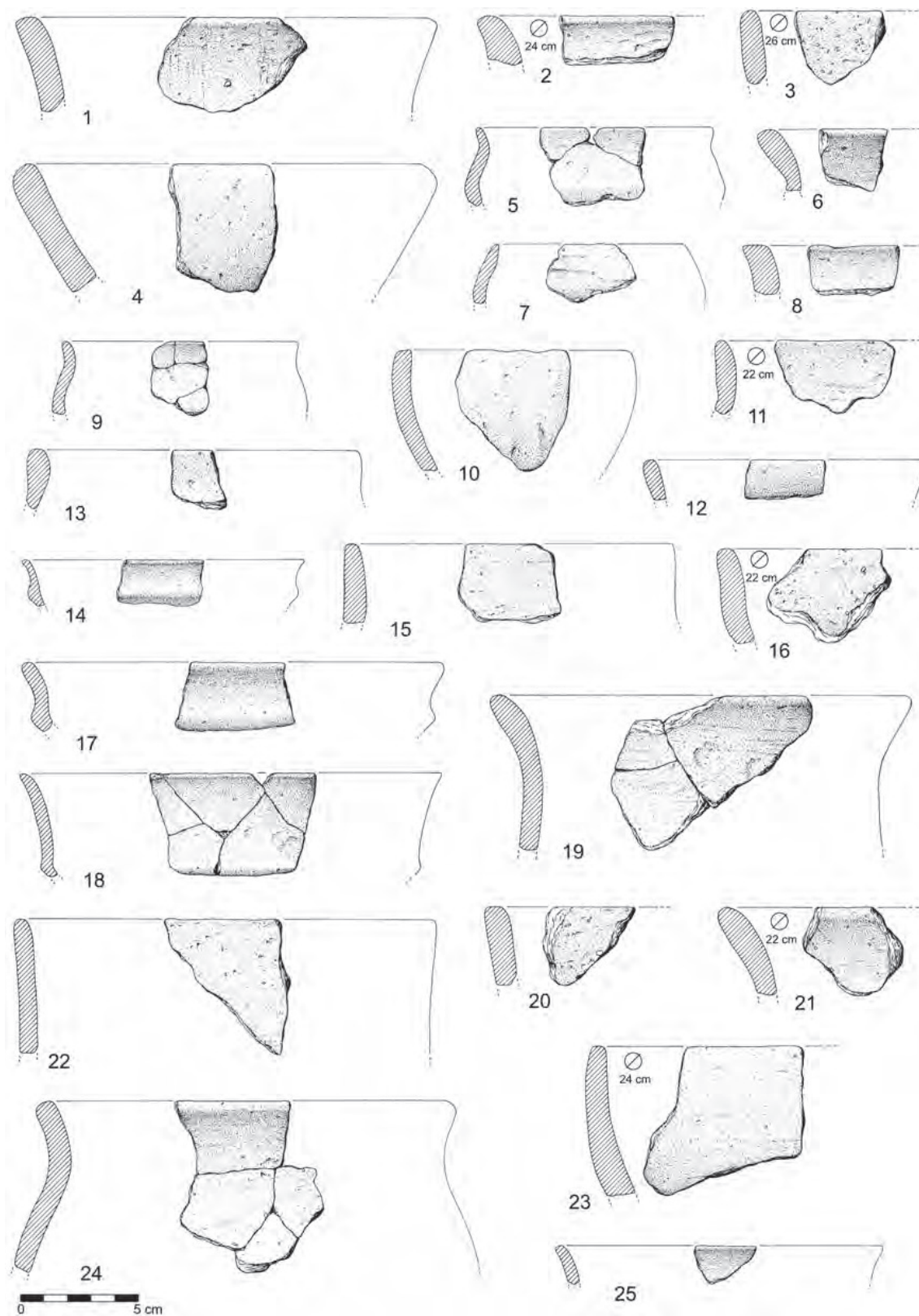


Fig. 23 - Abrunheiro. Cerâmicas do Bronze Final.

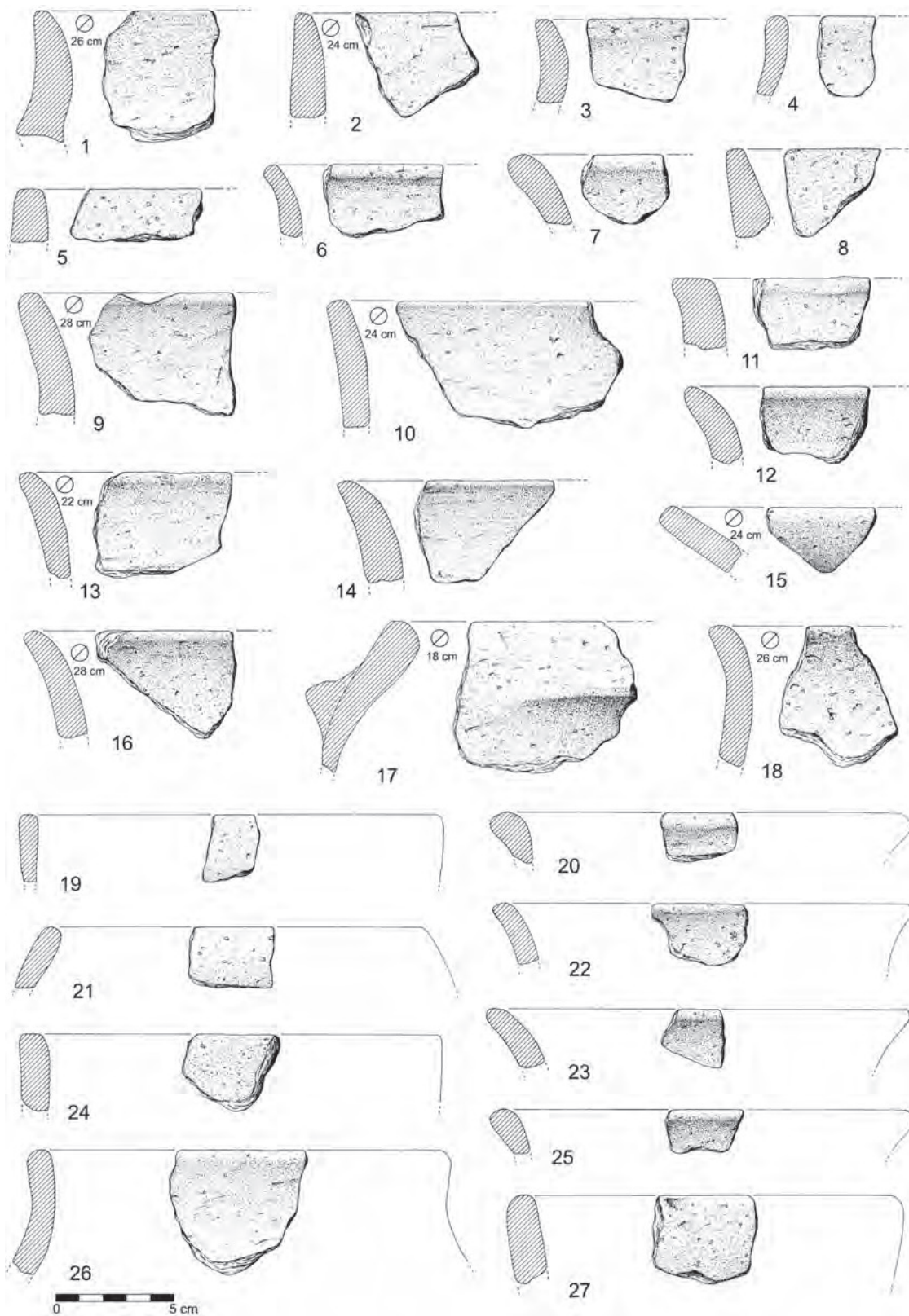


Fig. 24 - Abrunheiro. Cerâmicas do Bronze Final.

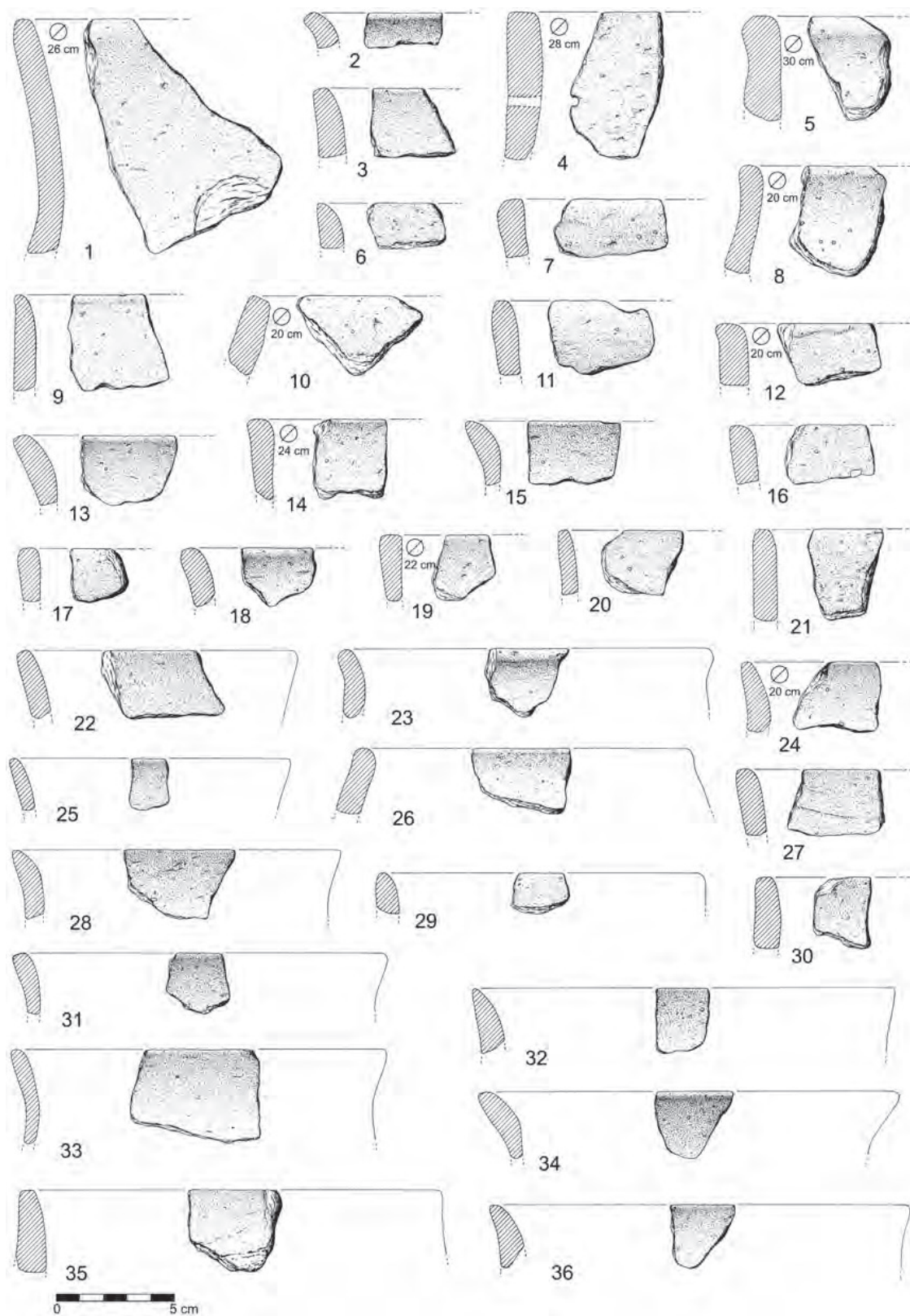


Fig. 25 - Abrunheiro. Cerâmicas do Bronze Final.

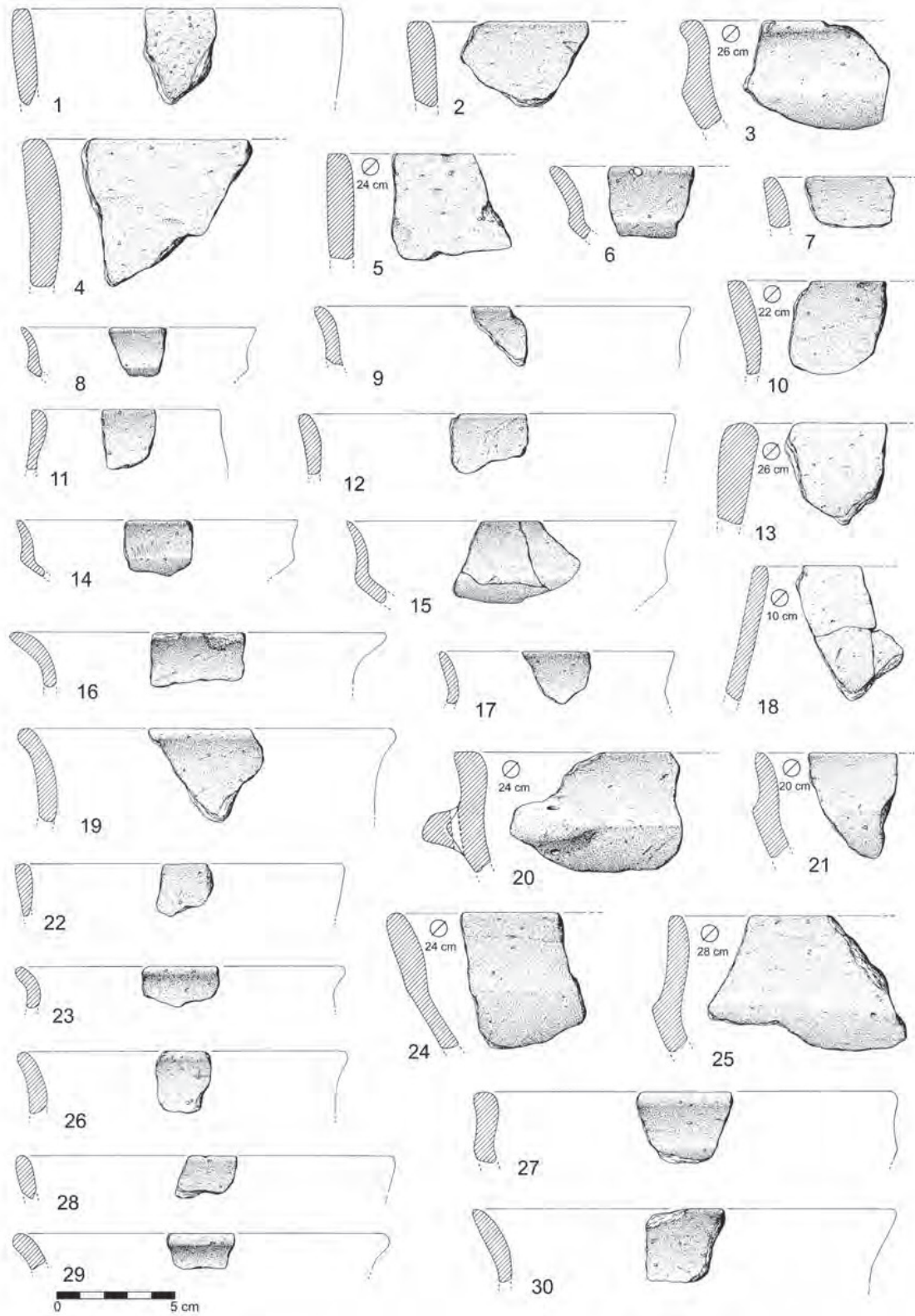


Fig. 26 - Abrunheiro. Cerâmicas do Bronze Final.

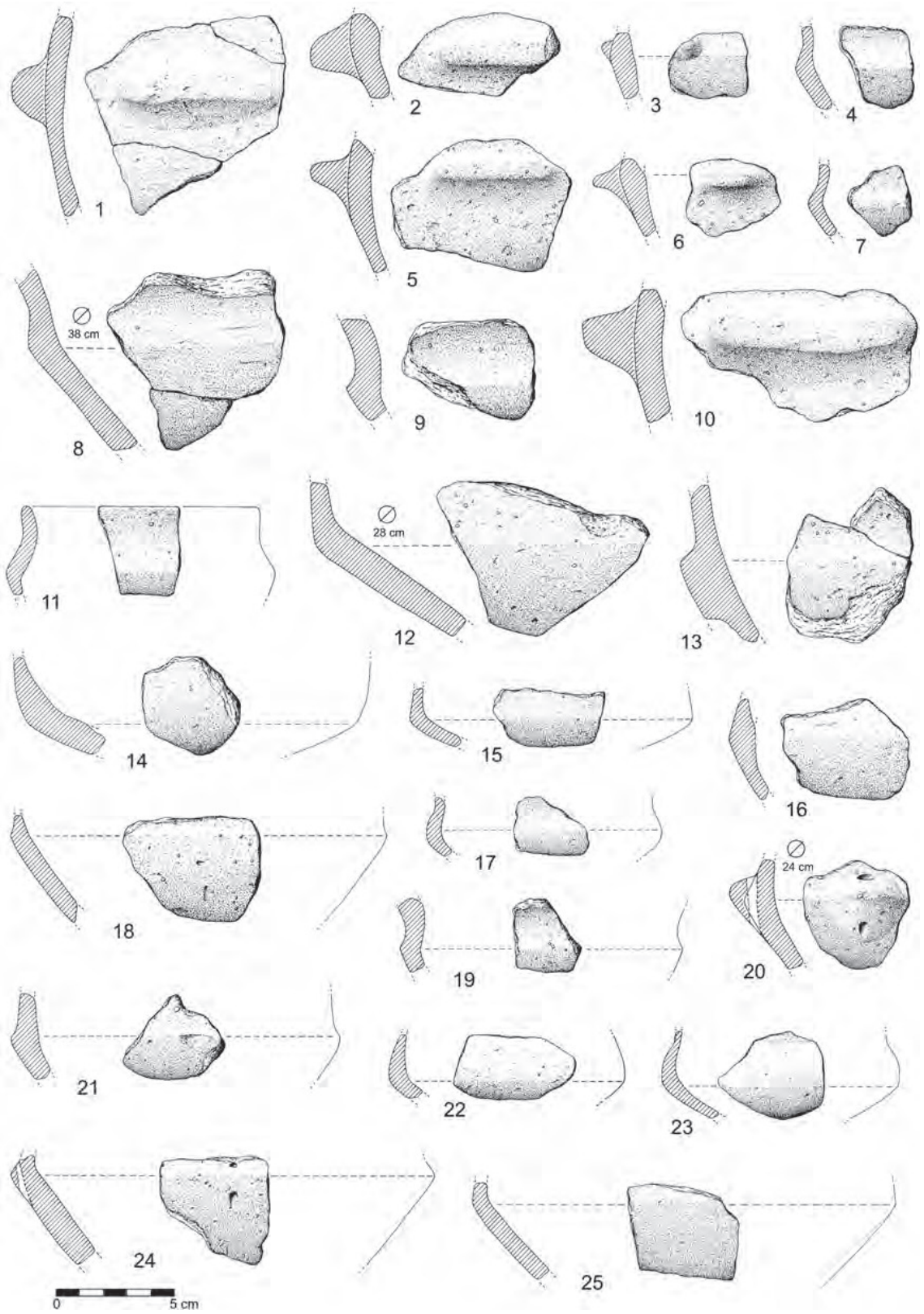


Fig. 27 - Abrunheiro. Cerâmicas do Bronze Final.

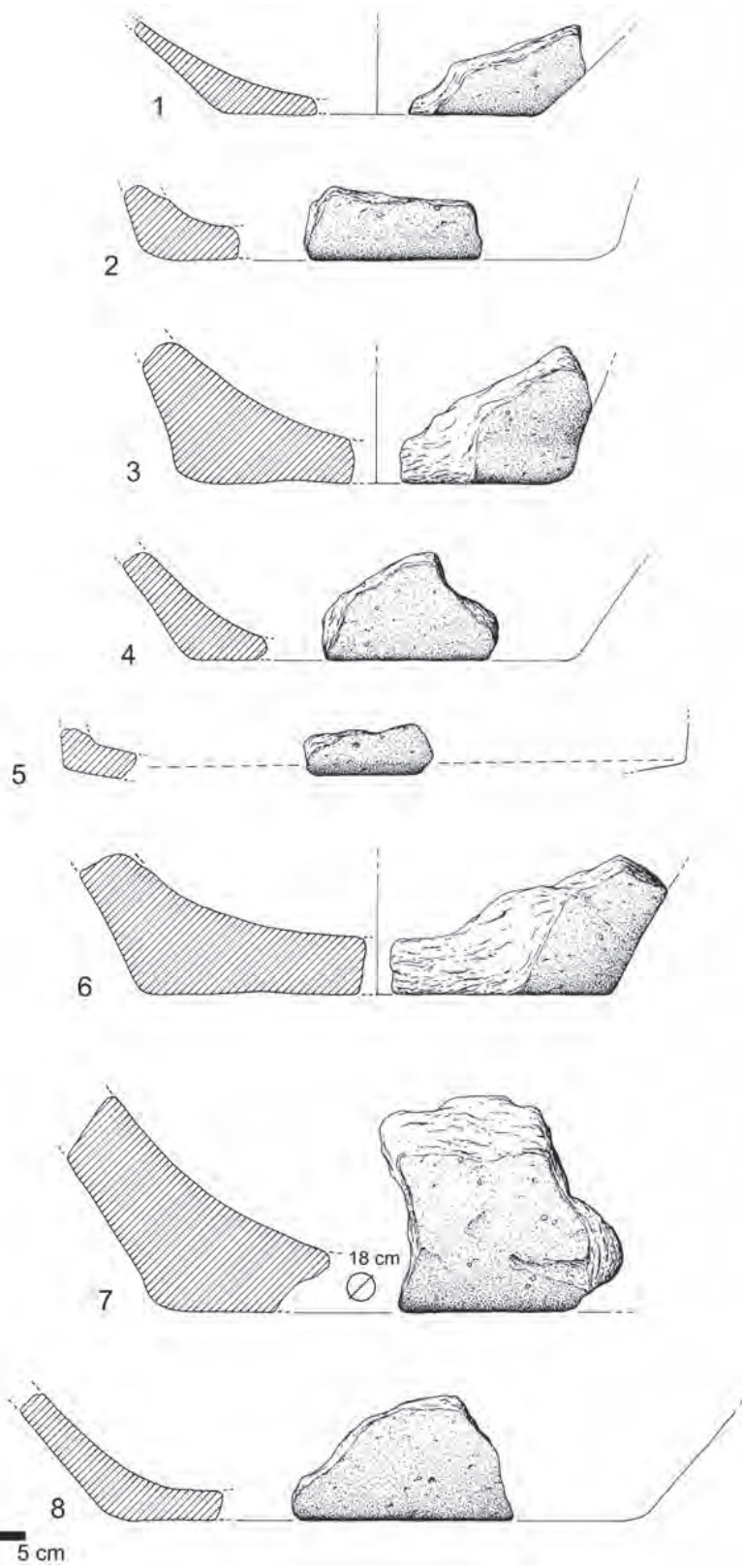


Fig. 28 - Abrunheiro. Cerâmicas do Bronze Final.

Quadro 1 – Tipologia das taças carenadas e respectivos diâmetros da abertura

Diâmetros em cm	Carena alta	Carena média	Carena baixa	TOTAL
10 a 15		4	1	5
15 a 20	3	3	1	7
20 a 25	1	2		3
25 a 30	2	2	1	5
TOTAL	6	11	3	20

Os elementos apresentados no Quadro 1 permitem concluir que mais de metade das vinte taças carenadas que foi possível classificar possuem carena média variando, tanto quanto foi possível verificar pela reconstituição gráfica, os respectivos diâmetros entre 10 a 15 cm e 25 a 30 cm, correspondendo estes dois conjuntos às ocorrências mais frequentes. Assim, pode admitir-se que os exemplares de menores dimensões, quase todos de carena média, poderiam servir para beber, enquanto os de maiores dimensões, serviriam para a preparação de refeições à base de cereais e papas.

No que se refere aos potes, formas fechadas que assumiam na estação da Tapada da Ajuda a preponderância no conjunto cerâmico recolhido, foram consideradas os seguintes grupos formais: de colo extrovertido, de colo fechado, e de paredes subverticais. Cruzando a tipologia com as dimensões dos exemplares, expressos pelos respectivos diâmetros de abertura, obtiveram-se os resultados expressos no QUADRO 2:

Quadro 2 – Tipologia dos potes e respectivos diâmetros da abertura

Diâmetros em cm	colo extrovertido	colo de paredes reentrantes	sem colo (vasos toneliformes)	TOTAL
5 a 10	6	2		8
10 a 15	4	2	10	16
15 a 20	14	3	30	47
20 a 25	5	1	18	24
25 a 30	3	1	13	17
30 a 35				
35 a 40			2	2
TOTAL	32	9	73	114

Verifica-se que a larga maioria dos 114 exemplares de potes parcialmente reconstituídos graficamente possui corpo cilíndrico e paredes subverticais, com 73 exemplares, correspondendo a menor representação aos potes de colo de paredes reentrantes, com apenas nove exemplares; aos potes de colo extrovertido, correspondem 32 exemplares.

É provável que os diversos formatos tivessem correspondência em utilizações diferenciadas, mas afigura-se que estas, no caso dos potes, se devem reflectir sobretudo, nas respectivas dimensões. Assim, os exemplares com diâmetros menores, entre 5 e 10 cm, serviriam sobretudo para conservar produtos ou ingredientes culinários ou medicinais, com paralelos na Tapada da Ajuda, enquanto que os maiores exemplares, com diâmetros até 40 cm, serviram para o armazenamento de água, e de alimentos, incluindo cereais: daí serem usualmente designados por “vasos de provisões”, tão comuns em estações do Bronze Final da região, aliás em estreita articulação com a intensa prática da cerealicultura. Correspondem a recipientes de fundos planos, alguns dos quais foram recolhidos na estação (Fig. 28).

As restantes formas cerâmicas identificadas no Abrunheiro são residuais e correspondem a 8 exemplares de taças simples, ou em calote, 3 taças de perfil suave, 1 exemplar de prato ou taça baixa e outro exemplar de esfé-

rico, os quais, conjuntamente com as formas anteriormente caracterizadas, a par de alguns elementos de prensão, que as acompanham, constam do QUADRO 3:

Quadro 3 – Distribuição tipológica das produções cerâmicas

Formas cerâmicas		N.º de frag.
Taças carenadas	carena alta	6
	carena média	11
	carena baixa	3
	carena indeterminada	19
Taças simples		8
Taças de perfil suave		3
Pratos e taças baixas		1
Esféricos		1
Potes	colo extrovertido	32
	colo de paredes reentrantes	9
	colo de paredes subverticais	73
Formas indeterminadas	Elementos de suspensão	4
	Fundos planos	7
TOTAL		177

No conjunto das produções cerâmicas, destaca-se um exemplar já anteriormente referido, recolhido no nível arqueológico posto à vista no Q1q5 (ver Fig. 6), e atribuído por G. Marques a uma colher, não só no diário de campo, mas também na única publicação alusiva aos seus trabalhos no Abruñeiro (MARQUES, 1994, p. 68). Esta atribuição, embora plausível, merece reservas, dado que, por um lado, não foi até agora reportada, em contextos do Bronze Final regional, nenhuma ocorrência do género; por outro lado, as colheres conhecidas de épocas anteriores são formalmente diferentes do presente exemplar, não só porque não possuem qualquer carena do lado externo, no prolongamento do cabo pela concha, como a posição do cabo é horizontal e não sobre elevada como no presente exemplar. Enfim, embora a concha da colher esteja muito incompleta, a reconstituição da mesma indica uma concavidade de contorno elipsoidal de grandes dimensões e muito funda, que não se adapta à funcionalidade em causa. Deste modo, tendo também presente a configuração naviforme da peça, a presença da quilha externa vertical proeminente, que se projecta por uma extremidade apontada, ainda que incompleta, parece lícito considerar a hipótese de este exemplar corresponder à representação de um barco, correspondendo a parte conservada à respectiva proa ou à popa, proeminente e elevada (Fig. 23, n.º 3; Fig. 29).

Embora também não se conheça, no quadro das produções cerâmicas do Bronze Final da região, nenhum recipiente que se assemelhe a este, existem paralelos nos fragmentos modelados em argila encontrados nas escavações do estabelecimento da Idade do Ferro da Rua dos Correiros (Lisboa), recentemente publicados (SOUSA, 2011, Est. 187). A confirmar-se a hipótese apresentada, tratar-se-ia da mais antiga representação coroplástica de uma embarcação no território português, reforçando as evidentes relações mediterrâneas mantidas naquela época pelas populações que habitavam a foz do Tejo.



Fig. 29 – Abrunheiro. Vistas do recipiente naviforme, correspondendo provavelmente a representação de embarcação de quilha bem marcada e proa sobreelevada.

4.4 – Produções metálicas

Dos seis artefactos metálicos actualmente conservados na colecção, um dos exemplares recolhidos, embora se encontre mencionado no registo diário dos trabalhos de campo, não integra o conjunto actualmente conservado: foi atribuído por G. Marques a pulseira, e corresponde a pequena haste de secção lenticular ou elipsoidal, recolhida a 4 de Junho. A 7 de Julho foi encontrado outro exemplar no Q4q2, reproduzido na Fig. 30, n.º 5. Deverá ser considerado como fragmento de pequeno punção, produção comum nesta época em povoados da região. Outro punção, de secção quadrangular, recolhido no Q1q4 (camadas A e B), a 1 de Junho, encontra-se descrito no caderno de campo como “um pequeno punção de bronze ainda com patina de uso”, acompanhado de esboço. Na verdade, a sua extremidade útil, mostra desgaste (Fig. 30, n.º 7).

Maior interesse possui um fragmento de maiores dimensões dos anteriores, que, ao contrário daqueles, não se encontra referido no diário das escavações (Fig. 32, n.º 4). Trata-se da porção do aro de uma pulseira ou bracelete, de secção circular, semelhante aos exemplares de bronze do depósito do Casal dos Fiéis de Deus, Bombaral, que ostentam secções sub-quadrangulares a sub-circulares (CARDOSO, 2004, Fig. 155), e ao conjunto, geograficamente mais próximo, do Cabeço dos Órgãos, Alcainça, Mafra, embora estes se apresentem de secção sub-quadrangular (3), semi-circular (1) e elíptica (1) (VASCONCELOS, 1920, p. 195).

A 25 de Maio, no Q1q1, recolheu-se “meia argola de Bronze”, conforme se encontra designada no caderno de escavações; trata-se de porção de anel ou de argola (Fig. 30, n.º 2), de secção circular, correspondente a um grupo de artefactos muito comuns nas estações desta época.

Ao referido exemplar soma-se um outro, de menores dimensões e mais fino, igualmente de secção circular, recolhido no Q3q3, camada B, a 24 de Junho, descrito no caderno de campo como “um fragmento de anzol (?) de bronze”, acompanhado de esboço. Na verdade, pelas suas dimensões, poderia desempenhar aquelas funções (Fig. 30, n.º 3).

O exemplar metálico mais importante do conjunto reunido por G. Marques foi recolhido no final dos trabalhos de campo no Q3q9, dispondo-se de um esquema da sua localização no terreno realizado por G. Marques (Fig. 11), bem expressivo da importância que lhe foi desde logo conferida. Trata-se de um dos segmentos, provavelmente o de maior comprimento, do arco de uma fíbula de cotovelo, de secção circular, decorado por duas ténues caneluras junto a uma das extremidades (Fig. 30, n.º 6). Do ponto de vista tipológico, corresponde a uma fíbula muito semelhante aos dois exemplares do castro de Mondim da Beira (Tarouca) (CARREIRA, 1994, Fig. 9, n.º 2 e 3), a que junta o exemplar de Monte Airoso (não Monte Calvo) (Penedono), publicado ulteriormente (CARDOSO, 2002, Fig. 277). J. R. Carreira incluiu aqueles exemplares no tipo siciliano, diferenciados do grupo das fíbulas do tipo Huelva, de inspiração cipriota, pelo facto de estas apresentarem os braços do arco aproximadamente simétricos e decoração galonada em relevo, ao contrário dos exemplares de tipo siciliano em que a assimetria do arco é mais pronunciada, situando-se o cotovelo do lado do descanso, além de as decorações de ambos os braços se afigurarem de tipo inciso. Apesar de o exemplar em estudo se encontrar muito incompleto, o fragmento conservado – seccionado intencionalmente na época numa

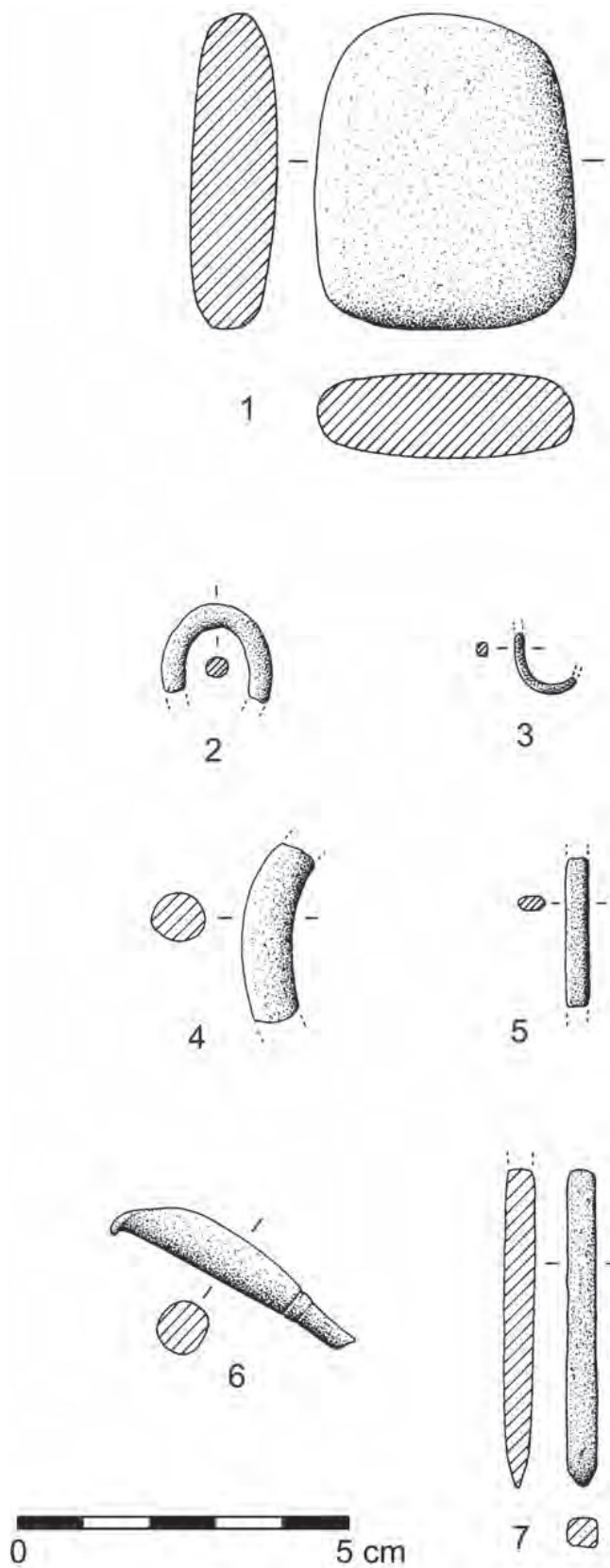


Fig. 30 – 1, artefacto de pedra afeiçoada com um dos lados desgastado por polimento, correspondendo a brunidor para o afagamento das superfícies dos recipientes cerâmicos; 2, argola incompleta de bronze; 3, possível anzol incompleto de bronze; 4, pulseira ou bracelete incompleta de bronze; 5 e 7, punções incompletos de bronze; 6, fíbula de cotovelo incompleta de bronze.



Fig. 31 – Abrunheiro. Vista da laje de calcário *in situ* disposta horizontalmente, fracturada em várias partes, que poderia tapar um recipiente cerâmico contendo os restos de um ovino ou caprino juvenil, configurando depósito ritual.



Fig. 32 – Abrunheiro. Vista de fragmento do recipiente possivelmente tapado pela laje calcária da Fig. 31, sob a qual se recolheram os restos de um ovino ou caprino juvenil.

das extremidades por superfície oblíqua realidade, provavelmente relacionada com o seu reaproveitamento como sucata de bronze – corresponderá ao braço da fíbula de maior comprimento, e, tal qual o verificado nas fíbulas com que é comparável, exibe o mesmo tipo de decoração produzida por linhas incisadas. S. da Ponte, no ensaio dedicado à classificação das fíbulas proto-históricas e romanas do território português, definiu o subtipo Ponte 1b, a que pertence a presente fíbula, com base em três exemplares: um dos já mencionados do castro de Mondim da Beira, outro da necrópole do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) e, finalmente, um terceiro do Castro de Pirreiras (Alcobaça), atribuindo-os a época situada entre finais do século X e inícios do século VIII a.C. (PONTE, 2006).

4 - PRÁTICAS RITUAIS

Para além do possível recipiente ritual de formato naviforme, com quilha pronunciada e proa (ou popa) alta, já atrás referido (Fig. 23, n.º 3; Fig. 29), identificou-se, uma rara evidência, de carácter não funerário, até ao presente única, no Bronze Final da Estremadura.

O caderno de campo de G. Marques regista, para o dia 22 de Julho de 1990, a identificação, no Q4q5, de uma pequena laje de calcário, disposta horizontalmente e fracturada em vários fragmentos, pelo peso dos terrenos, alguns dos quais ainda parcialmente embebidos no corte (Fig. 31). Esta laje, originalmente, poderia tapar um recipiente, do qual foram encontrados diversos fragmentos, tanto de um dos lados como por debaixo dela, de acordo com o testemunho do escavador, registado nesse mesmo dia. Apesar de se desconhecer o diâmetro desse recipiente, provavelmente de maiores dimensões que as dimensões da laje, de acordo com a foto conjunta do fragmento e de um dos topos da laje (Fig. 32), esta, conforme registou G. Marques, encontrava-se dentro daquele, o que é consistente com a recolha de mais um dos fragmentos do recipiente, que jazia a um nível inferior, conjuntamente com “muitos ossos de animais”, que felizmente se conservaram (Fig. 33). Analisada a composição deste conjunto faunístico, verifica-se que corresponde a um único indivíduo juvenil, de ovino ou caprino, representado, entre os restos classificáveis, pelos seguintes (Fig. 34):

- um D/1 e um D/3 esquerdos;
- dois M/1-2 de lados opostos, com desgaste quase nulo;
- um D/1, um D/2 e um D/3 esquerdos do mesmo indivíduo;

22. VII. 90

Às 11:30, estava no ABRUNHEIRO 1, Odivos. Continuei a escavar a camada (B) e (C) do Q495.

Às 13:00 fui comer alguma coisa à Figueirinha. Retornei de excursão às 17:30.

Recolhi um bom fragmento de taça Alpiense. (Foto). Deu, uma laje de calcário fragmentada em 5. (foto). Levantamento do 5 fragmentos que pertencem a uma única laje de calcário branco. Por baixo, muitos ossos de animais, outros fragmentos de taça anterior (Recolha em outro lugar). Por baixo, uma camada de barro verde cf. camadas e ossos. (foto). Um fragmento de [?]

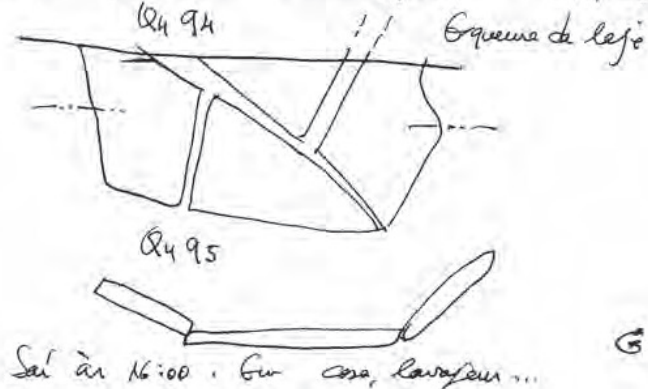


Fig. 33 – Abrunheiro. Página do caderno de campo de G. Marques com o esboço da laje de calcário representada nas Fig. 31 e 32, acompanhado de descrição das condições de achado dos restos faunísticos datados pelo radiocarbono.

- um M1-2 direito fracturado;
- fragmento de diáfise de rádio;
- fragmento de diáfise de tibia;
- porção distal de humero direito, com a superfície articular separada da epífise;
- um astrágalo direito;
- diversas esquirolas de crânio e de ossos longos, inclassificáveis.

Nestes termos, é de aceitar que o conjunto posto a descoberto corresponda a um depósito ritual, de carácter propiciatório, em que várias porções de um pequeno animal, correspondentes ao crânio e mandíbula de um ovino ou caprino juvenil, bem como a segmentos dos membros, tanto do membro anterior (presença do humero e do rádio), como do membro posterior (presença da tibia e do astrágalo), foram colocados dentro de um recipiente, por sua vez tapado com uma delgada laje calcária, que ainda se encontrou *in situ*.

No território português, têm sido referenciadas situações semelhantes, sobretudo de aves encerradas em recipientes, embora de épocas mais modernas, tanto da Idade do Ferro, como já do Período Romano, mas não é de estranhar que tais práticas propiciatórias relacionadas com animais possam remontar à Pré-História, como aliás ficou bem evidenciado pelo depósito ritual identificado no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) por A. do Paço (PAÇO, 1943).



Fig. 34 – Restos de ovino ou caprino juvenil datados pelo radiocarbono, que jaziam sob a laje representada nas Figs. 31 a 33. Escala em mm.

5 – CRONOLOGIA ABSOLUTA

Os únicos restos de mamíferos cujo contexto correspondia a um ambiente fechado, estratigraficamente selado e bem identificado, correspondiam ao conjunto faunístico acima referido. Assim, seleccionou-se uma pequena amostra de ossos inclassificáveis, os quais foram submetidos a datação pelo radiocarbono recorrendo à técnica de AMS no laboratório da Universidade de Waikato (Nova Zelândia). O resultado obtido, recebido a 21/11/2011 foi o seguinte (Fig. 35):

Wk-32282 – 2769 ± 34 BP.

Este resultado corresponde ao intervalo calibrado a 2 *sigma* de 1005-835 cal BC, conforme se apresenta na referida figura, correspondendo à terceira estação do Bronze Final da região ribeirinha do estuário do Tejo em que foi possível obter datação absoluta com base em restos ósseos de animais domésticos: as duas anteriores foram a Tapada da Ajuda, cuja cronologia absoluta permitiu pela primeira vez identificar uma primeira etapa do Bronze Final regional (CARDOSO & CARREI-

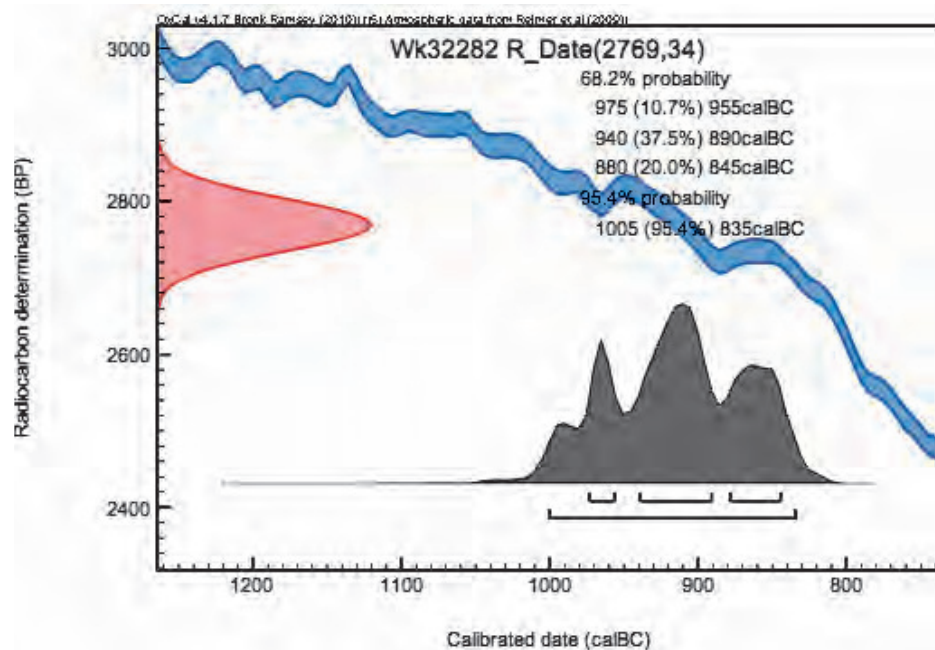


Fig. 35 – Datação pelo radiocarbono dos restos de ovino ou caprino que jaziam sob a laje representada nas Figs. 31 a 33.

RA, 1993) e o Cabeço do Mouro (Cascais), cronologicamente mais próxima da ocupação do Abrunheiro, pois o intervalo obtido a 2 *sigma* situa-a entre 972-798 cal BC (CARDOSO, 2006). A calibração das datas obtidas na Tapada da Ajuda, efectuada para este trabalho, permitiu confirmar, para um intervalo de 2 *sigma*, que a respectiva ocupação se terá verificado entre o século XIV, ou mais provavelmente o início do século seguinte, e os séculos XII/XI a.C. Deste modo, tendo presente a periodização do Bronze Final na referida região em dois momentos distintos, o resultado ora obtido situa a ocupação do Abrunheiro na segunda etapa daquela época, antecedendo imediatamente as primeiras importações sidéricas, correspondentes à chegada de comerciantes de origem ou raízes fenícias à região da foz do Tejo, nos inícios do século VIII a.C., conforme as datas de radiocarbono obtidas em Almaraz (Almada) (BARROS & SOARES, 2004).

6 – INTEGRAÇÃO CULTURAL E CONCLUSÕES

Mercê das condições naturais propícias antes aludidas oferecidas pelo território oeirense à fixação humana, com destaque para a alta aptidão agrícola dos solos basálticos que nele se desenvolvem, em especial para a prá-

tica da cerealicultura, assistiu-se, no último quartel do II milénio a.C., e até aos inícios do milénio seguinte, à multiplicação de núcleos rurais de carácter familiar, ou mesmo de povoados abertos, voltados para a exploração intensiva de carácter agro-pastoril, ao longo de todo o ano, tal como já se verificava, embora de forma menos acentuada, no Campaniforme, cerca de mil anos antes. É neste contexto regional que se integra e explica a estação do Abrunheiro, onde seria fácil a produção de excedentes, sobretudo de carácter cerealífero, cujo cultivo intensivo e extensivo se encontra expressivamente documentado na região pela abundância de elementos denticulados de foices, sobre lascas de sílex, que seriam montadas em cabos de madeira, como os recolhidos na estação em apreço. Com efeito, é notável a discrepância entre a abundância da sua ocorrência e a pobreza das outras realidades arqueológicas, a começar pela singela expressão dos vestígios habitacionais, que configuram a existência de simples casais agrícolas, na feliz expressão de G. Marques e G. M. Andrade (MARQUES & ANDRADE, 1974).

No entanto, não se pode ignorar que a economia alimentar destas populações era muito mais variada que aquela que os cereais poderiam proporcionar por si só: além do aproveitamento dos animais domésticos, como aliás ficou bem evidenciado pelos restos faunísticos acima referidos, a presença de conchas de moluscos marinhos evidencia, tal como na Tapada da Ajuda, a exploração do litoral adjacente, onde se recolhiam facilmente, tanto nos trechos rochosos como nos de fundo arenoso, diversas espécies presentes na colecção, para além das referidas pelo escavador ao longo do caderno de campo. Assim, em amostras conservadas e correspondentes, segundo G. Marques, a pisos de carácter habitacional, foram identificados exemplares de *Venerripis decussatus*, *Trochocochelea lineata*, *Patella* sp., e *Mytilus* sp. que bem evidenciam a frequência com que o litoral estuarino adjacente era então percorrido.

Outros sítios do concelho de Oeiras, como a encosta nascente do Alto das Cabeças, actualmente ocupada pelo Taguspark, (CARDOSO & CARDOSO, 1996), ou o sítio localizado do lado norte da estrada de Leião a Leceia, entretanto destruído (CARDOSO & CARDOSO, 1993, Fig. 13, n.º 3 a 6), corporizam e confirmam a actividade agrícola especializada, pela recolha de elevado número de elementos denticulados de foices.

Tudo indica que o volume das produções cerealíferas, a crer nas centenas de elementos recolhidos, dispersos pelos campos ainda há poucos anos intensamente agricultados, ultrapassariam as necessidades de consumo destas pequenas comunidades especializadas. Com efeito, a presença de tão laboriosas quanto sedentárias e pacíficas populações só poderá ser cabalmente compreendida no quadro de uma estrutura sócio-económica organizada à escala regional, articulada em núcleos demográficos mais importantes, a partir dos quais se procederia à administração de territórios bem definidos, por onde se dispersavam tais unidades de produção, de raiz familiar. Existiria, assim, uma estrutura de poder emergente, articulando entre si conjuntos de casais agrícolas ou pequenos povoados, unidos, talvez, por laços de parentesco. Deste modo, a emergência destes inúmeros locais onde se praticava uma economia cerealífera intensiva, é indissociável da afirmação de determinados centros de poder económico-político, sediados em locais altos, a partir dos quais uma elite, por pequena que fosse, asseguraria a administração de um determinado território, com limites claramente definidos (CARDOSO, 2004). Nenhum sítio com estas condições foi identificado no actual concelho de Oeiras, situando-se o mais próximo no Cabeço do Mouro, perto da povoação de Abóboda, no vizinho concelho de Cascais actualmente totalmente ocupado pela construção. Ali, escavações recentes realizadas na base da elevação conduziram à identificação de um silo escavado no substrato margo-calcário, ulteriormente colmatado por materiais coevos, entre os quais cerâmicos, absolutamente idênticos aos recuperados nas estações oeirenses acima referidas, além de restos faunísticos, cuja datação pelo radiocarbono forneceu resultado próximo com o obtido no Abrunheiro, tudo indicando que a ocupação dos dois sítios foi, em larga medida, sincrónica.

Não será por acaso que em nenhum dos casais agrícolas dispersos por sítios de encosta sem condições naturais de defesa se recolheram cerâmicas de fino acabamento, decoradas por ornatos brunidos, as quais, em oposição,

ocorrem na maioria dos sítios altos, onde se sediariam as elites emergentes (CARDOSO, 2004). No entanto, a existência de algum desafogo económico por parte dos habitantes destes casais agrícolas é sugerido pela recolha de uma conta bitroncocónica incompleta de cornalina, no Alto das Cabeças (CARDOSO, 2011, Fig. 59), a que se junta o fragmento de fíbula de cotovelo de bronze ora estudada, que bem poderá corresponder a uma produção local. Com efeito, o exemplo mais expressivo da metalurgia do bronze na região no decurso do Bronze Final é a presença de molde de arenito para fundição de foices de talão de bronze, recolhido num destes sítios abertos, o Casal de Rocanes, Cacém, no vizinho concelho de Sintra (FONTES, 1916). Basta esta ocorrência para mostrar que o abastecimento da Baixa Estremadura e, em particular, da região ribeirinha do Tejo, tanto de estanho como de cobre, viabilizou o fabrico de artefactos de bronze, numa região onde não existiam nenhum dos seus dois componentes essenciais (CARDOSO, 2004). Assim, a presença de artefactos bronzíferos de produção dispendiosa revela a capacidade económica e tecnológica atingida no final Bronze Final da Baixa Estremadura pelas populações que então ocupavam a região. Tais peças, das quais se destacam, pelo seu cunho marcadamente regional, as foices de talão, os machados de alvado com dois anéis e os machados de talão univalves, destinavam-se tanto para utilização local – só então as foices de elementos serrilhados de sílex com encabamento madeira seriam progressivamente substituídas pelos seus equivalentes metálicos – como, sobretudo, para exportação por via marítima.

As enseadas do estuário do Tejo correspondentes ao litoral do actual concelho de Oeiras, comportar-se-iam, então, como locais onde os habitantes do Bronze Final contactaram com intermediários de origem sarda ou siciliana, configurando o chamado período pré-colonial, antecedendo a presença fenícia nesta região. Esta, verificada logo depois, a partir dos finais do século IX a.C., ou nos primórdios do século seguinte, apoiava-se, entre outras razões, nas mais-valias decorrentes da comercialização das produções bronzíferas, senão das matérias primas em bruto (cobre e estanho), ou mesmo de cereais, exportados em direcção do Mediterrâneo. Assim sendo, os elementos detentores do poder na região, ou seja, as elites locais, actuariam como intermediários na recepção e ulterior comercialização destes bens, arrecadando os proveitos consequentes. É desta forma que se explicam as numerosas peças encontradas em sítios do Mediterrâneo Central (Itália, Sardenha, Sicília) objecto de inventário (Lo SCHIAVO, 1991), onde se destaca o célebre depósito do Monte Sa Idda, Cagliari (Sardenha), conjunto situável nos séculos X/IX a. C.: nele estão presentes as três produções características da Estremadura portuguesa supra referidas. Por outro lado, este comércio também se fazia na direcção oposta: é o que indicam as ocorrências análogas nas Ilhas Britânicas (COFFYN, 1985; MONTEAGUDO, 1977).

O enriquecimento destas comunidades estaria assim justificado, sem que seja necessário recorrer a outros factores, como a exploração do sal ou a do ouro, ambos susceptíveis de serem produzidos na região do estuário do Tejo e, designadamente no litoral oirense; em São Julião da Barra, o ouro foi explorado até ao primeiro quartel do século XIX, tendo sido apenas suspensa a produção pelo encarecimento da mão de obra (ESCHWEGE, 1831).

O território oirense configurava-se, assim, no final do Bronze Final, cerca de 900/800 anos a.C., como parte integrante de uma área geográfica mais vasta, englobando toda a Baixa Estremadura, palco da intersecção de múltiplos interesses económicos, que garantiram, afinal, a sua própria individualização e originalidade cultural. Tal realidade, dominada pela dualidade dos influxos oriundos dos dois domínios que determinaram aquela identidade – o Atlântico e o Mediterrâneo – assumiu importância determinante no sucesso da empresa fenícia, corporizada pela chegada de comerciantes e navegadores daquela origem, a partir dos primórdios do século VIII a.C., senão mesmo ainda nos finais do século anterior, a partir da colónia gaditana. Em alternativa, essa presença e comércio foi assegurada, como defende M. Almagro-Gorbea, por populações tartéssicas, de origem peninsular, provenientes do Baixo Guadalquivir, aqui chegadas tanto por via marítima como terrestre, como é o caso do caminho que, da foz do Tejo conduzia a Tartessos, atravessando o Alentejo em diagonal, em quatro dias.

Seja como for, mercê de uma longa convivência com populações mediterrâneas, as populações indígenas aqui residentes estavam em condições de estabelecer com os novos visitantes uma relação facilitada pela familiaridade entretanto adquirida com os seus antecessores imediatos: os comerciantes do Mediterrâneo central (Sardenha, Sicília), como documentam, entre outros, os elementos bronzíferos acima referidos.

É por isso que não faz sentido separar artificialmente a realidade do Bronze Final da dos inícios da Idade do Ferro, a não ser pelas características dos materiais arqueológicos, pois entre ambas não terá havido hiatos ou descontinuidades assinaláveis, ao nível da economia e da organização social das comunidades que então ocuparam o território ribeirinho da foz do Tejo.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia, a autorização para estudar o presente espólio, actualmente conservado nas instalações do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), por via de protocolo assinado entre ambas as Instituições.

Ao Dr. Filipe Martins, a execução dos desenhos das peças arqueológicas que ilustram o trabalho, bem como dos quadros tipológicos e das figuras de distribuição dos achados no terreno, com base nos registos deixados por G. Marques.

Ao Doutor A. M. Monge Soares pela calibração das datas de radiocarbono obtidas na estação da Tapada da Ajuda. A Bernardo Ferreira, o apoio na digitalização da documentação de G. Marques utilizada neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, L. & SOARES, A. M. Monge (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 333-352.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Pré-História de Portugal. Lisboa: Verbo, 456 p.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 12, 332 p.
- CARDOSO, J. L. (2005) – Investigação arqueológica na Sociedade de Geografia de Lisboa. A actividade da Secção de Arqueologia (décadas de 1950 a 1990). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 123, p. 129-147.
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), p. 21-46.
- CARDOSO, J. L. (2006/2007) – In Memoriam. João José Fernandes Gomes, Vogal da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 58/59, p. 13-15.
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do concelho de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 178 p.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 4, 126 p.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1996) – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 351-359.

- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) – Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Actas do I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica (Lisboa, 1991)*. Lisboa : Instituto Mediterrânico, FCSH/UNL, p, 193-206 (Mediterrâneo, 2).
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. Mendes da (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 227-271.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa – Revista Municipal*. Lisboa. Série II, 15, p. 3-18. De col. com J. S. Rodrigues, J. Monjardino e J. R. Carreira.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard, 441 p.
- ESCHWEGE, G., Barão de (1831) – Memoria Geognostica ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até à Serra da Arrabida, e sobre a sua idade relativa. Appendice, por A. A. Vandelli. *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 11 (1), p. 253-306.
- FONTES, J. (1916) - Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 337-347.
- Lo SCHIAVO, F. (1991) – La Sardaigne et ses relations avec le Bronze Final atlantique. *Le Bronze Atlantique* (Ch. Chevillot & A. Coffyn, ed.). Beynac, p. 213-226.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G. M. (1974) – Aspectos da Proto-História do território português. I – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto. 1, p. 125-148.
- MARQUES, G. (1972) – *Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*. Porto: Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 13.
- MARQUES, G. (1994) – Cultura de Alpiarça. *Catálogo da exposição integrada no VI Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleohispánicas (Coimbra, 1994)*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz, p. 65-69.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München: C. H. Beck'sche Verlagbuchhandlung.
- PAÇO, A. do (1943) – Uma vasilha de barro de grandes dimensões, do “castro” de Vila Nova de São Pedro. *Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (Porto, 1942)*. Actas. Porto: Imprensa Portuguesa, 8, p. 132-143.
- PONTE, S. (2006) – *Corpus signorum das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- SOUSA, E. (2011) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo durante a segunda metade do 1.º milénio a.C.*. Tese de doutoramento em História, especialidade Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada)
- VASCONCELOS, J. Leite de (1920) – Estudos sobre a época do Bronze em Portugal. VIII – Tesouro do Casal dos Fiéis-de-Deus. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 193-195.
- VILAÇA, R. (2006) – Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados. *Complutum*. Madrid. 17, p. 81-101.